

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TAYNÁ IHA

CONHECIMENTOS PARA O ENSINO DO *KITESURF*:
Percepção dos instrutores de Florianópolis, SC, Brasil

Florianópolis
2017

TAYNÁ IHA

**CONHECIMENTOS PARA O ENSINO DO *KITESURF*:
Percepção dos instrutores de Florianópolis, SC, Brasil**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Graduação em Educação Física –
Bacharelado do Centro de Desportos da
Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito para a obtenção do Título de
Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Michel Milistetd

Co-orientador: Prof. Me. Vinicius Zeilmann
Brasil

Florianópolis

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Iha, Tayná

Conhecimentos para o ensino do kitesurf : percepção dos
instrutores de Florianópolis, SC, Brasil / Tayná Iha ;
orientador, Michel Milistetd, coorientador, Vinicius
Zeilmann Brasil, 2017.

74 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Kitesurf. 3. Esporte de Aventura.
4. Treinador Esportivo. 5. Formação Profissional. I.
Milistetd, Michel. II. Zeilmann Brasil, Vinicius. III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Educação Física. IV. Título.

Tayná Iha

**CONHECIMENTOS PARA O ENSINO DO KITESURF:
Percepção dos instrutores de Florianópolis**

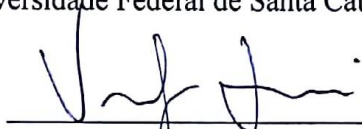
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Educação Física” e aprovado em sua forma final pelo Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, com a nota 9,6

Florianópolis, 21 de novembro de 2017.

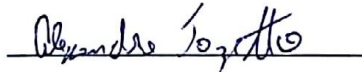
Banca Examinadora:



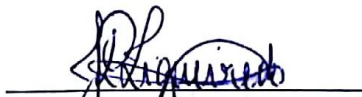
Prof. Dr. Michel Milistetd
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Me. Vinicius Zeilmann Brasil
Co-orientador
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Me. Alexandre Bobato Tozetto
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Ma. Juliana de Paula Figueiredo
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho à comunidade do *kitesurf* e a todos que contribuem para o crescimento e desenvolvimento do esporte.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu gostaria de agradecer aos meus pais, Natália Cristina Iha e Frank Iha, por todo o amor, carinho, dedicação, valores e incentivo. Incentivo aos estudos, incentivo ao trabalho, incentivo ao futuro, mas principalmente o incentivo ao esporte. Ao crescer vendo os voos do meu pai e a parceria da minha mãe, foi o que me despertou o interesse pelos esportes de aventura e me levou a fazer as escolhas que fiz, principalmente a inserção na Educação Física e a prática do *kitesurf*, a qual tive o prazer de ter sido iniciada primeiramente pelo meu pai e meu irmão.

Ao meu irmão Bruno Iha, deixo aqui meus sinceros agradecimentos, pois indiretamente me fazes acreditar que as coisas só dependem de nós, basta dedicação, assim te levo como exemplo. Agradeço aos meus avós e toda a minha família, por todos os momentos de alegria, carinho, encontros e mimos.

Gostaria de agradecer também às minhas amigas de longa data, Vivian Fragoso Pellis, Bruna Angel Borges e Lara Ribeiro Cruz, por fazerem parte das transições de fases na minha vida e, principalmente, por estarem ao meu lado em cada uma delas.

Aos meus amigos de sala deixo aqui meus agradecimentos pelas fases que passamos juntos, pelas risadas de alegria, de desespero e por fazerem do meu processo de formação mais leve e feliz. À família AEF obrigada por contribuir na minha formação, tanto profissional como pessoal, com vocês aprendi o que é trabalhar em grupo e o que é batalhar pelo fomento do esporte, os JINEFs e Interatléticas não seriam a mesma coisa se não fosse com e por vocês.

Agradeço a todos os meus professores da graduação que direta ou indiretamente me ensinaram o valor da Educação Física, mais especificamente à Bruna Seron, pela dedicação e carinho na arte da educação. Ao professor Cassiano Ricardo Rech que nas primeiras fases do curso me iniciou à pesquisa científica (CAPES/Cnpq), juntamente ao Núcleo de Pesquisa em Atividade Física e Saúde (NuPAF).

Sequencialmente agradeço ao Núcleo de Pesquisa em Pedagogia do Esporte – NUPPE/LAPE e a todos os seus integrantes, por tornarem minha vontade de pesquisar o *kitesurf* possível. Agradeço ao professor Juarez Vieira do Nascimento pelas orientações junto a minha segunda oportunidade oferecida pelo programa de iniciação científica CAPES/Cnpq. Em especial agradeço meu orientador Michel Milistetd e co-orientador Vinícius Zeilmann Brasil por todas as contribuições, dedicação e incentivo na área da pesquisa com os esportes de aventura.

Por fim, agradeço com imenso carinho meu amigo, conselheiro, parceiro e namorado Vitor Ciampolini, que acompanhou toda a minha trajetória acadêmica e me incentivou em todas as etapas da formação, obrigada pelos teus conselhos e empurrões, mas principalmente pelo teu exemplo de competência e dedicação. Obrigada por estar presente, mesmo a qualquer distância e instância, olhando e zelando por mim, assim como olho e zelo por você. Que seja sempre assim, pra sempre e mais um dia.

“Você não pode mudar o vento, mas pode ajustar as velas do barco para chegar onde quer” (Confúcio)

RESUMO

O *kitesurf* é um esporte de aventura caracterizado pela prática na natureza e pela presença de riscos e incertezas, essas características demandam do instrutor diversos conhecimentos para o ensino da modalidade. Apesar das investigações a respeito dos conhecimentos do treinador esportivo e do crescimento do *kitesurf* no Brasil e no mundo, ainda pouco se sabe sobre quais são esses conhecimentos para o ensino desse esporte, assim o objetivo desse estudo é verificar a percepção de instrutores de *kitesurf* que atuam em Florianópolis a respeito dos conhecimentos necessários para o ensino da modalidade. Esse estudo se caracteriza como descritivo de abordagem qualitativa. A seleção dos participantes foi por amostragem completa, que incluiu quatro instrutores que atuaram em Florianópolis na última temporada de primavera/verão de 2016/2017. A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas estruturadas com questões abertas e entrevistas semiestruturadas com temas geradores. A análise dos dados deu-se por meio da técnica de análise temática, do tipo dedutiva. Os resultados encontrados foram que os instrutores percebem como importantes os três tipos de conhecimento (profissional, interpessoal, intrapessoal). Como fonte destes conhecimentos as mais destacadas foram as de contextos informais. Assim, conclui-se que os três tipos de conhecimento merecem igual importância, assim como as fontes advindas de contextos informais. Sugere-se os novos instrutores busquem pelos três tipos de conhecimento ao longo da sua formação, que valorizem as aprendizagens em contextos informais, entretanto que se engajem também nas aprendizagens em contextos não-formais e formais. Assim, sugere-se também que as entidades responsáveis pela formação nos diferentes contextos passem a valorizar a prática profissional e adote momentos de reflexões entre os instrutores em seu curso, já que esta foi apresentada como uma boa forma de evolução dentro do ensino.

Palavras-chave: Esporte de Aventura. Treinador Esportivo. Formação Profissional

ABSTRACT

Kiteboarding is an adventure sport characterized by being practiced in nature and by the presence of risks and uncertainties, in which demand diverse knowledge from the instructor for its teaching. Despite recent investigations regarding sports coaches' knowledge and the growth of kiteboarding in Brazil and worldwide, little is known about what these knowledge are. Therefore, the purpose of this study is to verify the perception of kiteboarding instructors who work in Florianópolis - Brazil about the necessary knowledge for teaching this sport. This is a descriptive study conducted through a qualitative approach. Participants were selected by complete sampling, which included four instructors who worked in Florianópolis in the last spring / summer season of 2016/2017. Data collection was performed through structured interviews with open questions and semi-structured interviews with generating themes. Data analysis was conducted through deductive thematic analysis. The results indicated that the instructors perceived as important the three types of knowledge (professional, interpersonal, and intrapersonal). As the primary source for acquiring these knowledge, informal contexts were highlighted. Therefore, the three types of knowledge deserve equal importance, as well as sources from informal contexts. It is suggested that the new instructors seek the three types of knowledge throughout their training, as well as valuing learning in informal. However, engagement in non-formal and formal contexts it is also important for their development. Thus, it is also suggested that the entities responsible for training in different contexts should start to value professional practice and adopt moments of reflection among the instructors in their course, since this was presented as a good method of development within teaching.

Keywords: Adventure Sport. Sports Coach. Professional Training

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Histórico do <i>kitesurf</i>	21
Figura 2: Desenvolvimento do <i>kitesurf</i> no Brasil.	21
Figura 3: Modelos de pipa.....	23
Figura 4: Bordo de ataque e de fuga	24
Figura 5: Barra de controle.....	25
Figura 6: Tipos de trapézio.....	25
Figura 7: Tipos de prancha.....	26
Figura 8: Entidades internacionais representativas do <i>kitesurf</i>	28
Figura 9: Cursos oferecidos pela <i>International Kiteboarding Organization</i>	29
Figura 10: Entidades nacionais representativas do <i>kitesurf</i>	30
Figura 11: Fluxograma das etapas da coleta de dados	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Perfil dos instrutores de <i>kitesurf</i> de Florianópolis	39
---	----

LISTA DE SIGLAS

ABK – Associação Brasileira de Kitesurf

CBvela – Confederação Brasileira de Vela

IKO – *International Kiteboarding Organization*

ISAF – *International Sailing Federation*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1 OBJETIVOS	17
1.1.1 Objetivo Geral	17
1.1.2 Objetivos Específicos	17
1.2 JUSTIFICATIVA	17
2. REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1 APONTAMENTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DO <i>KITESURF</i>	19
2.1.1 A origem do <i>kitesurf</i> e seu desenvolvimento no Brasil	19
2.1.2 Elementos estruturais da prática do <i>kitesurf</i>	22
2.1.3 Organizações representativas e de formação de instrutores de <i>kitesurf</i>	27
2.2 OS CONHECIMENTOS DO TREINADOR ESPORTIVO	32
2.2.1 Tipos de conhecimento	32
2.2.2 Fontes de conhecimento	33
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	35
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO	35
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	35
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	36
3.5 ANÁLISE DOS DADOS	36
3.6 ASPECTOS LEGAIS	37
4. RESULTADOS	38
4.1 PERFIL DOS INSTRUTORES	38
4.2 DEMANDA DA INTERVENÇÃO.....	40
4.2.1 Público Alvo	40
4.2.2 Intervenção.....	41
4.2.3 Atuação	42

4.3 CONHECIMENTOS PARA ATUAÇÃO.....	43
4.3.1 Conhecimento Profissional	43
4.3.2 Conhecimento Interpessoal.....	49
4.3.3 Conhecimento Intrapessoal	52
5. DISCUSSÃO	55
6. CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICES	Erro! Indicador não definido.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos a literatura tem apresentado diversas propostas de definição, caracterização e classificação para os esportes de aventura (BETRÁN; BETRÁN, 1995; FUNOLLET, 1995; DIAS, 2007; PEREIRA; ARMBRUST; RICARDO, 2008). De modo consensual, grande parte desses esportes são caracterizados pela prática na natureza, no qual há grande valorização dos riscos e incertezas atrelados a imprevisibilidade do meio tipicamente instável e fora do controle humano (DIAS, 2007; PAIXÃO; COSTA; GABRIEL, 2009). Neste conjunto de esportes de aventura na natureza, o *kitesurf* tem se destacado pelo crescimento do número de praticantes e também pelo desenvolvimento do processo de estruturação de competições e entidades normativas (BITENCOURT; NAVARRO, 2005; BERNEIRA et al., 2011).

O *kitesurf* é um esporte que consiste na inter-relação do atleta-equipamento e ambiente, no qual o atleta gera propulsão por meio da pipa no vento para se deslocar com a prancha sobre a água. Esse esporte tem se tornado bastante popular no Brasil e no mundo, tanto que sua participação nas Olimpíadas Rio 2016 foi cogitada para ser incluída como uma das modalidades de vela (PESSOA, 2012), porém não ocorreu devido diversos fatores, entre eles tem-se que a modalidade ainda está em processo de crescimento e estruturação.

Com o intuito de contribuir com esses fatores, algumas entidades estão envolvidas com o *kitesurf*, entre elas tem-se a *World Sailing*, que representa as modalidades de vela internacionalmente; e a *International Kiteboarding Organization (IKO)*, a qual tem sua atenção voltada principalmente ao ensino do *kitesurf* (IKO, 2017b), ou seja, oferece cursos em diversos países para a formação de praticantes, instrutores, treinadores e formadores de treinadores da modalidade.

Já no contexto nacional não se tem uma entidade semelhante à IKO que seja responsável em oferecer cursos de formação. Entretanto, há a Associação Brasileira de Kitesurf (ABK), a qual tem como objetivo principal a promoção do esporte (ABK, 2015) e, entre suas atividades está inclusa a oferta de alguns cursos para formação de instrutores. Embora esses cursos existam, eles não são oferecidos regularmente e ocorrem apenas em algumas regiões do país. Como a ABK não é um órgão normativo e sim promotor do esporte, esses cursos não são obrigatórios para a atuação na modalidade.

No Brasil, para se ensinar o *kitesurf* não se tem um perfil do profissional responsável bem consolidado. Entretanto, Iha, Brasil e Nascimento (2016) apresentaram em seu estudo que atualmente há dois meios formativos para os instrutores de *kitesurf* no Brasil: os cursos oferecidos pela ABK e os cursos de ensino superior na área da Educação Física. Segundo a lei nº 9.696/1998 (BRASIL, 1998), o profissional a que cabe o ensino dos esportes nos contextos de iniciação esportiva ou tardia (SILVA; GALATTI; PAES, 2010), no lazer ou no alto rendimento são os bacharéis em Educação Física. Esses profissionais além de terem conhecimento nas áreas de anatomia, fisiologia, pedagogia e treinamento (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010) muitas vezes também possuem no currículo pelo menos uma disciplina relacionada aos esportes de aventura.

Apesar dos fatos citados anteriormente, 71,43% dos docentes investigados responsáveis pelas disciplinas relacionadas aos esportes de aventura ministradas na universidade, não a consideram suficiente para que os acadêmicos possam atuar no mercado específico desses esportes (FIGUEIREDO, 2012). Além do mais, os gestores de esportes de aventura têm procurado por profissionais que tenham experiência prática com a presente modalidade em que irão atuar (BANDEIRA; RIBEIRO, 2015).

Embora essas experiências prévias contribuam para a formação desses profissionais, a mudança do papel de praticante para instrutor passa para um grau maior de dificuldade, em que se assume outros tipos de responsabilidades, como ensinar outro indivíduo (SCHWARTZ; CARNICELLI FILHO, 2006). Esse processo pedagógico se torna mais difícil, pois exige conhecimentos a serem ensinados a alguém que, por muitas vezes, não é familiarizado com o ambiente complexo de prática, nem mesmo com os equipamentos utilizados (SCHWARTZ; CARNICELLI FILHO, 2006; PAIXÃO et al., 2011), cabendo ao instrutor o domínio de diferentes conhecimentos para a intervenção pedagógica segura e de qualidade para com o indivíduo.

Côté e Gilbert (2009) trazem em seu estudo que esses conhecimentos do treinador são divididos em três categorias, o conhecimento: profissional, que envolve as ciências do esporte; o interpessoal, que envolve suas relações e interações com o atleta e demais envolvidos; e o intrapessoal, que compreende suas reflexões e autoconhecimento. Apesar do estudo acima apresentar tipos de conhecimentos, para o *kitesurf* ainda não se tem bem consolidado na literatura quais são esses conhecimentos, assim, surge a seguinte questão de estudo: Quais são os conhecimentos necessários para o ensino do *kitesurf*?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Verificar a percepção de instrutores de *kitesurf* que atuam em Florianópolis a respeito dos conhecimentos necessários para o ensino da modalidade.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar o perfil dos instrutores de *kitesurf* de Florianópolis;
- Caracterizar a atividade de ensino do *kitesurf* a respeito do foco de intervenção;
- Verificar a percepção dos instrutores a respeito dos conhecimentos necessários para o ensino do *kitesurf*;
- Verificar a percepção dos instrutores a respeito das suas fontes de conhecimentos.

1.2 JUSTIFICATIVA

Diversos estudos têm sido realizados no contexto do treinador esportivo, principalmente nos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Reino Unido (DUARTE; CULVER, 2014; NELSON et al., 2014; PAQUETTE et al., 2014; RYNNE; MALLETT, 2014; KUKLICK; GEARITY, 2015; MALLETT; RYNNE; BILLETT, 2016). Tais autores vêm contribuindo para o crescimento científico da área, de modo a difundir conceitos e teorias.

Concomitantemente a esse desenvolvimento, uma nova vertente tem surgido para estudar os treinadores de esportes de aventura (COLLINS; COLLINS, 2012; LORIMER; HOLLAND-SMITH, 2012; COLLINS; COLLINS; GRECIC, 2015; BRASIL et al., 2016), os quais se diferem dos treinadores de esportes tradicionais, que geralmente envolvem modalidades coletivas e convencionais. Essa nova vertente está em crescimento na literatura científica e a presente pesquisa justifica-se como uma forma de fortalecer e contribuir para tal crescimento e desenvolvimento.

Em relação à escolha da modalidade abordada nesse estudo, têm-se o *kitesurf* devido a pouca popularidade deste nos meios científicos nacionais, o qual aparece em pequena escala e voltados principalmente à prevalência de lesões, atividade como

preservação ambiental (BERNEIRA et al., 2011; MACHADO; COERTJENS, 2012; LUCENA; SILVA; BRASILEIRO, 2013) entre outros temas que não abordam o ensino da modalidade, deixando uma lacuna pela qual o presente estudo pretende preencher.

Com o preenchimento dessa lacuna, esta pesquisa não só pretende colaborar para o desenvolvimento científico do esporte, mas também para o meio prático, de modo a: auxiliar os treinadores que estão atuando no dia-a-dia, colaborar com as entidades representativas da modalidade no Brasil e contribuir para o crescimento e estruturação do esporte.

Além das justificativas anteriores, outro fato que contribuiu para a escolha do tema dessa pesquisa foi a relação da autora com o *kitesurf*, uma vez que ela é praticante desde o ano de 2010 e reside no local onde predominam as escolas da modalidade. Com o acompanhamento indireto do desenvolvimento do esporte da região, juntamente com os aprendizados na faculdade de educação física, surgiu o interesse para a elaboração da presente pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 APONTAMENTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DO *KITESURF*

2.1.1 A origem do *kitesurf* e seu desenvolvimento no Brasil

A etiologia da palavra “*kitesurf*” vem da combinação de dois termos em inglês, o kite que significa pipa e o surf que significa surfe. A combinação desses dois elementos dá o aporte para a prática da modalidade.

O *kitesurf* é um esporte recente, entretanto alguns autores acreditam que sua origem veio da evolução e utilização de pipas em grandes embarcações, como é o caso da China há cerca de 2000 anos atrás. Foi apenas em 1826 que o inglês George Peacock criou a chamada pipa de tração, em que pela primeira vez se pode ter o controle da pipa diretamente pelo piloto, entretanto a intenção do inventor era utiliza-las em carroças (COUTINHO, 2010).

Apesar das intenções de Peacock não terem sido voltadas a fins esportivos, sua invenção contribuiu na criação do *kitesurf*, a qual foi mais evidente na década de 80 com o início de tentativas de combinar pipas de tração com demais equipamentos de caráter esportivo. As primeiras tentativas envolviam canoas, patins e esquis, uma dessas combinações foi feita por Andréas Kuhn, que tentou combinar um parapente com uma prancha, entretanto não obteve sucesso, uma vez que ao cair o parapente na água não era possível relança-lo (COUTINHO, 2010; TREMEA, 2010)

Após diversas tentativas, duas famílias se engajaram na criação desse novo esporte, os irmãos Bruno e Dominique Legaignoux na França; e Bill e seu filho Cory Roeselers nos Estados Unidos. Os irmãos Legaignoux registraram sua primeira patente em 1984, a qual continha a descrição de uma pipa inflável com ar comprimido e duas linhas de controle, sendo um equipamento de tração para pessoas, cargas ou máquinas sobre superfícies para diversos fins, entretanto com foco em esportes de deslize (ALCANTELADO, 2009). Esse novo produto supriu as necessidades encontradas nas tentativas de combinações das pipas com demais equipamentos, uma vez que agora seria possível relança-la sem auxílio de outra pessoa.

Apesar da nova descoberta dos irmãos Legaignoux, a dificuldade de comercializar seu produto foi grande, pois as empresas que poderiam investir no *kitesurf* estavam com sua atenção voltada ao *windsurf*, esporte que se encontrava em alta nos anos

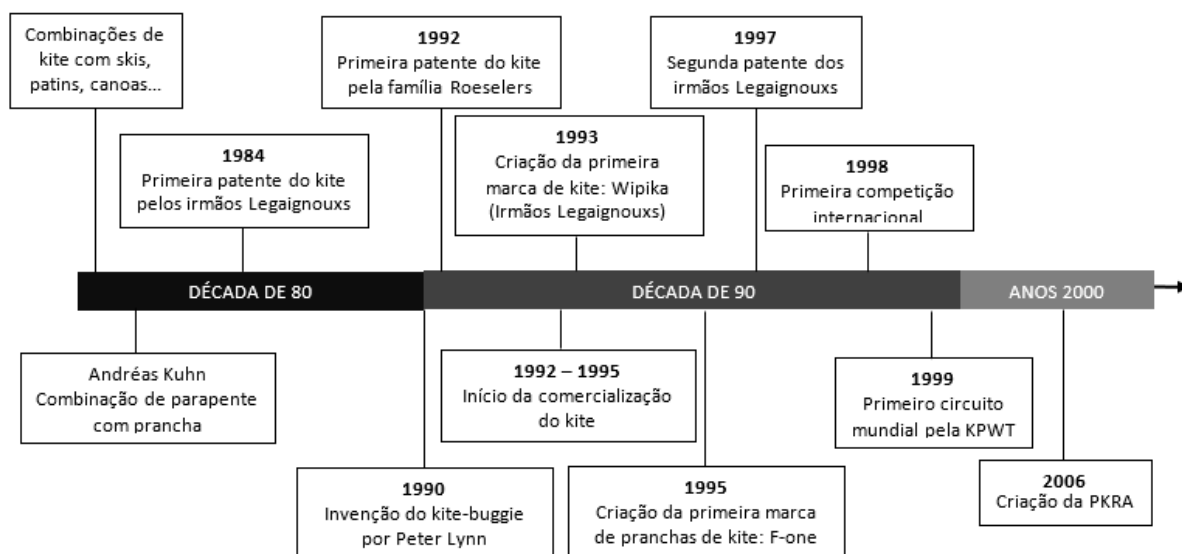
80. Após alguns anos, mais precisamente em 1993, os irmãos ao não obter sucesso entre as empresas para realizar um contrato de licença do produto resolveram criar sua própria empresa, chamada de Wipika (TREMEA, 2010). A primeira pipa lançada por eles foi um modelo composto por duas linhas de controle conectadas por um cabresto e roldanas.

Com o passar dos anos, em 1997, os irmãos Legaignoux registraram outra patente do seu produto, o qual passaria a ser composto por um sistema de quatro linhas ao invés de duas. Essa mudança não foi bem aceita em alguns locais, uma vez que ela tornava possível diminuir a ação das rajadas de vento forte sobre o praticante, o que diminuía a radicalidade do esporte (ALCANTELADO, 2009). Entretanto, por meio dessa inovação, foi possível tornar o esporte mais seguro, já que as linhas adicionadas propuseram maior controle e estabilidade ao equipamento.

Paralelamente ao desenvolvimento do *kitesurf* pelos irmãos franceses, a família Roeselers nos Estados Unidos também estava engajada na criação desse novo esporte. Foi no ano de 1992 que a família americana publicou sua primeira patente de pipa, a qual consistia em uma estrutura rígida, controlada por uma barra ligada a duas linhas e manivelas. As tentativas e demonstrações desse equipamento foram feitas sobre esquis, o que levou o esporte a ser chamado primeiramente de *kiteski* (ALCANTELADO, 2009). Esse produto chegou a ser comercializado nos anos 90, entretanto não teve grande sucesso, entre alguns motivos se tinha que o processo de relançar a pipa da água era complexo.

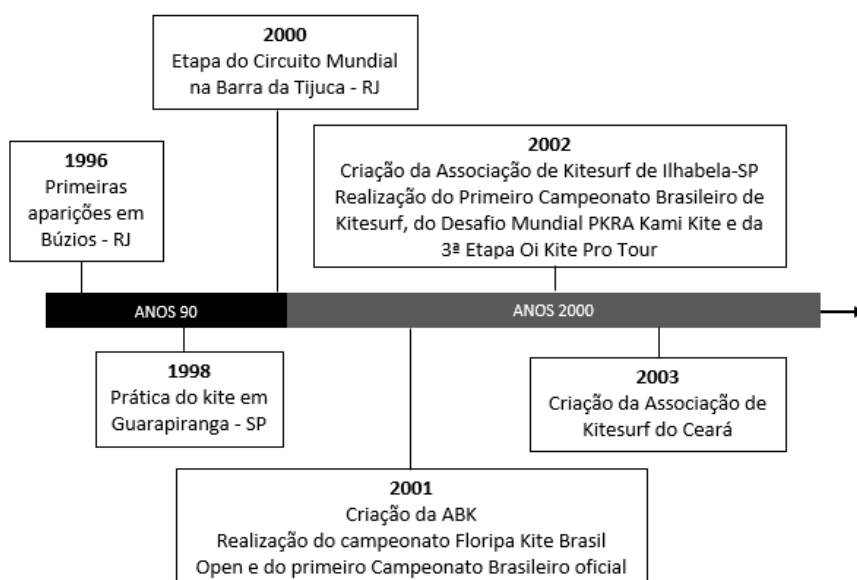
Outra modalidade que contribuiu para o desenvolvimento do *kitesurf* foi o *kite-buggie*, que utilizava pipas sem armação compostas por compartimentos preenchidos de ar (conhecidas como *parafoil*) e *buggies* de três rodas. Essa modalidade foi forte na Nova Zelândia por volta de 1990 e teve como referência o Peter Lynn, proprietário da empresa com seu respectivo nome que comercializava os equipamentos para a prática da modalidade. Acredita-se que a evolução das pipas para o *kitesurf* tenham sido consequência da popularidade do *kite-buggie* (ALCANTELADO, 2009).

Na Figura 1 é possível observar o histórico do *kitesurf*, como apresentado anteriormente, e notar que o *kitesurf* se desenvolveu muito rápido, principalmente na década de 90.

Figura 1: Histórico do *kitesurf*.

Fonte: O Autor (2017)

Esse acelerado desenvolvimento não demorou muito para refletir no Brasil (Figura 2), foi no ano de 1996 que o kite apareceu pela primeira vez em nossas águas, mais precisamente em Búzios - Rio de Janeiro. Após dois anos o esporte passou a ser praticado em Guarapiranga – São Paulo (BITENCOURT; NAVARRO, 2005).

Figura 2: Desenvolvimento do *kitesurf* no Brasil.

Fonte: O Autor (2017)

Foi nos anos 2000 que o Brasil recebeu uma das etapas do Circuito Mundial de Kitesurf, que foi realizada na Barra da Tijuca – Rio de Janeiro. Esse evento foi importante para a popularização do *kitesurf* no país e contribuiu para o crescimento do esporte na região (BITENCOURT; NAVARRO, 2005).

A criação da Associação Brasileira de Kitesurf ocorreu no ano seguinte, em 2001, com sede no Rio de Janeiro. A ABK foi responsável pelo encaminhamento da solicitação para a regulamentação da prática da modalidade no Rio de Janeiro, de modo a conseguir uma área na Praia do Pepê, na Barra da Tijuca, para decolagem e pouso de das pipas (BITENCOURT; NAVARRO, 2005).

O ano seguinte, 2002, foi marcado pela realização de diversos eventos no país, como o primeiro Campeonato Brasileiro de Kitesurf, que foi realizado na Praia do Pepê; o Desafio Mundial, promovido pela *Professional Kiteboard Association* (PKRA), que foi realizado em Araruama – Rio de Janeiro; e a 3ª Etapa do Oi Kite Pro Tour, realizado na Bahia. Nesse mesmo ano também foi criada a Associação de Kitesurf de Ilhabela – São Paulo e no ano seguinte criou-se a Associação de Kitesurf do Ceará (BITENCOURT; NAVARRO, 2005).

2.1.2 Elementos estruturais da prática do *kitesurf*

O *kitesurf* é um esporte que exige diversos equipamentos para a sua prática, dentre eles os essenciais e os acessórios. Como equipamentos acessórios têm-se o colete de flutuação, luvas, sapatilhas, capacete, *leash* para a prancha, entre outros que contribuem para a prática; já como essenciais têm-se a pipa, a barra de controle, o trapézio e a prancha.

As pipas (também chamadas de *kite*) podem ser de diversas formas (Figura 3), cada modelo apresenta vantagens que estimulam seu uso em determinada modalidade do *kitesurf*. Existem cinco modelos mais convencionais de pipa, entre eles o “C” (A), o *bow* (B), o híbrido (C), o delta (D) e o *foil* (E) (MUNDOKITE, 2017).

Os modelos do tipo “C” são bastante utilizados para saltos e manobras, pois o seu formato proporciona maior velocidade e potência. Essas características são favoráveis para modalidade de *freestyle*, onde o atleta acumula pontos de acordo com suas manobras (MUNDOKITE, 2017).

Figura 3: Modelos de pipa



Fonte: O Autor (2017)

O modelo tipo *bow* possui um ângulo menos acentuado que o tipo “C”, o que deixa a pipa mais plana e aerodinâmica. Esse formato favorece o controle e estabilidade do kite, pois seu ajuste de quantidade e intensidade de vento é mais fácil devido a maior variação do ângulo de ataque, além disso também torna a redecagem mais fácil. Esse modelo é bom para todos os níveis e para velejo em ondas (MUNDOKITE, 2017).

O modelo tipo híbrido varia entre o modelo “C” e o *bow* e possui linhas mais longas (até 45cm). Essa pipa pode ser utilizada por todos os níveis e estilos (MUNDOKITE, 2017). Já o kite tipo delta é mais fácil de redecolar, é bom para giros e tem boa capacidade de amplitude de vento, o que favorece o velejo em ondas (MUNDOKITE, 2017).

Esses quatro modelos apresentados anteriormente fazem parte de um grupo maior chamado *Leading Edge Inflatables* (LED), que consiste em pipas de estrutura rígida preenchida por ar comprimido. As pipas do tipo LED são em formato de fólio, estáveis e não submergem, sendo assim a sua redecagem da água é mais fácil (TREMEA, 2010). O quinto e último modelo não faz parte dos LED, pois sua estrutura é totalmente diferente.

As pipas do tipo *foil* possuem uma estrutura semelhante ao parapente, pois são compostos por células de tecido e só ganham forma quando estas são preenchidas por ar. Essas pipas são utilizadas para a prática com outras combinações, como o skate, *buggie* e esqui, ou até mesmo com pranchas principalmente em condições de vento fraco (MUNDOKITE, 2017).

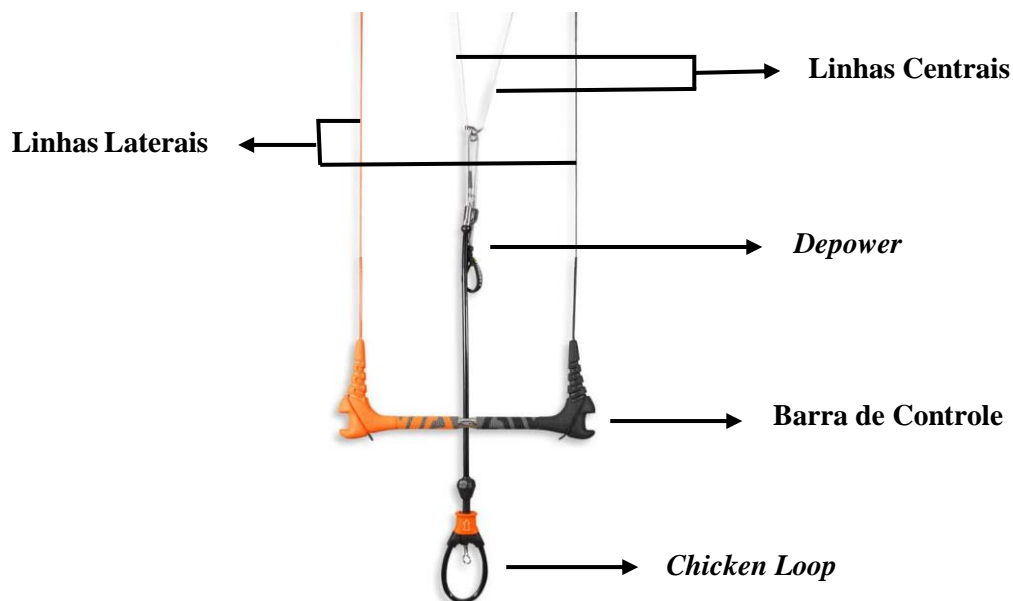
Para que seja possível controlar as pipas estas precisam estar conectadas à barra de controle, a qual é interligada ao kite por meio das linhas. As barras mais comuns são as compostas por quatro linhas de 25 a 30m, duas nas extremidades e duas no centro. As linhas das extremidades estão ligadas ao bordo de fuga (Figura 4) da pipa e conectadas nas laterais da barra de controle, já as linhas centrais estão ligadas ao bordo de ataque (Figura 4) e se unem convergindo para o centro da barra.

Figura 4: Bordo de ataque e de fuga



As linhas centrais ao se unirem passam por uma espécie de cabo, onde existe um sistema de controle do comprimento das linhas que permite alterar o ângulo do bordo de ataque. Esse mesmo cabo ultrapassa a barra de controle (Figura 5) e finaliza em um sistema chamado *chicken loop*, o qual tem formato de alça e conecta todo o sistema ao equipamento trapézio que está envolto no praticante (TREMEEA, 2010).

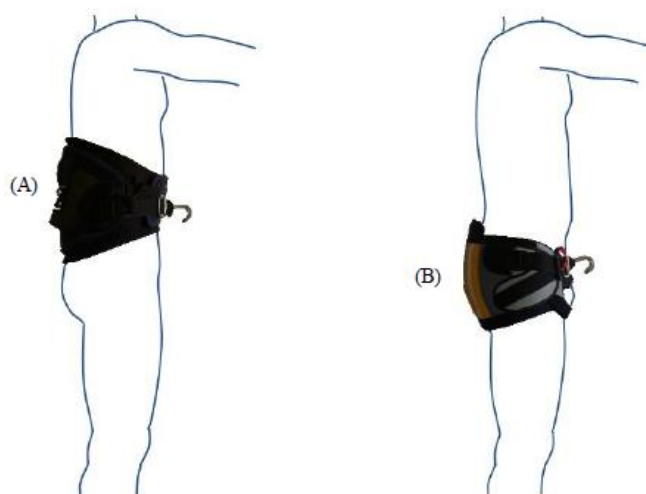
Figura 5: Barra de controle.



Fonte: O Autor (2017)

O trapézio (Figura 6) é um equipamento que envolve o praticante e possui um gancho na prante frontal para se conectar ao *chicken loop*. Existem dois tipos de trapézio: o tradicional (Figura 6-A), que envolve o praticante pela cintura como se fosse um cinto largo; e o conhecido como “cadeirinha” (Figura 6-B), que envolve o praticante pelo quadril como se fosse um short.

Figura 6: Tipos de trapézio



Fonte: Tremea (2010)

O trapézio tem como uma das finalidades aliviar a tensão exercida sobre o praticante durante o velejo, pois com o seu uso a tensão não fica apenas nos braços e sim a distribui sobre o core (TREMEA, 2010). Outro equipamento importante que está anexo ao trapézio é o *leash*, apesar dele não ser determinante para a prática ele é essencial, pois é um dispositivo de segurança que conecta o trapézio à barra de controle, caso o praticante execute uma manobra desengatada, ou seja, que desconecta o *chicken loop* do trapézio, este ainda está conectado ao trapézio pelo *leash*, assim o equipamento não é abandonado caso a manobra dê errado.

Por fim, o último equipamento essencial para a prática do *kitesurf* é a prancha (Figura 7). Os tipos de prancha mais comuns são: as bidirecionais (A), direcionais (B), *wakeboard* (C), *hydrofoil* (D) e *race* (E).

Figura 7: Tipos de prancha



Fonte: O Autor (2017)

A prancha bidirecional tem o formato retangular e possui quatro quilhas pequenas, duas em cada extremidade, assim permite velejar em ambas as direções sem precisar

mudar a posição dos pés ou mudar o sentido da prancha, essas são as mais utilizadas na prática da modalidade como um todo.

Já as pranchas direcionais têm formato semelhante a prancha de *surf*, assim possui um bico (frente) e “rabeta” (trás), o que permite o praticante velejar apenas em uma direção, assim, quando é necessário trocar o sentido deve-se mudar a base dos pés ou mudar o sentido da prancha. Além dessas características, o que diferencia as pranchas direcionais das bidirecionais é a flutuação, uma vez que as direcionais flutuam mais que as bidirecionais. Essas pranchas são utilizadas na iniciação do esporte e também na modalidade do *kitewave*.

As pranchas de *wakeboard* são muito semelhantes às bidirecionais, entretanto possuem botas ao invés de alças para os pés. Essas pranchas são mais utilizadas por praticantes avançados e principalmente para manobras, pois ela é leve e ágil, contudo é mais difícil sair dela para redecolagem da pipa, uma vez que os pés estão afixados.

Por fim têm-se as pranchas do tipo *hydrofoil*, que são pranchas pesadas, com uma quilha longa e que permite o praticante velejar sem que a parte inferior da prancha toque a superfície da água. Essas pranchas podem ser utilizadas tanto em ventos fracos quanto em ventos fortes, também podem ser usadas na combinação de pipas do tipo LED ou *foil*. Já as pranchas do tipo *race* também são grandes e pesadas, possuem quilhas maiores que as pranchas direcionais e são mais utilizadas em competições do tipo regata.

2.1.3 Organizações representativas e de formação de instrutores de *kitesurf*

No contexto internacional o *kitesurf* conta com diversas entidades que promovem, fazem a gestão e a educação do esporte (Figura 8). Dentre elas têm-se a *World Sailing*, *International Kiteboarding Organization* (IKO), *International Kiteboarding Association* (IKA) e a *World Kite Tour* (WKT).

A *World Sailing* é a entidade representativa das modalidades de vela no âmbito internacional e inclui o *kitesurf* entre suas modalidades. Essa entidade representa todos os esportes de vela no contexto Olímpico e Paralímpico, desenvolve regras e regulamentos de competições, bem como forma árbitros e juízes para as respectivas modalidades (WORLD SAILING, 2017).

Figura 8: Entidades internacionais representativas do *kitesurf*

	CRIAÇÃO	OBJETIVO/FUNÇÃO
WORLD SAILING	1907	Promoção dos esportes de vela, gestão da vela nos jogos Olímpicos e Paralímpicos, desenvolvimento de regras e formação de árbitros
INTERNATIONAL KITEBOARDING ORGANIZATION	2001	Educação do kitesurf, oferecimento de cursos para velejadores, instrutores e treinadores
INTERNATIONAL KITEBOARDING ASSOCIATION	2008	Responsável pelo kite internacionalmente, responde à World Sailing. Promoção do Campeonato Mundial.
WORLD KITE TOUR	2002	Organização dos Circuitos Mundiais

Fonte: O Autor (2017)

Já a entidade específica do *kitesurf* é a *International Kiteboarding Association*, associação vinculada à *World Sailing* e que representa todas as classes dentro do *kitesurf*. A IKA promove o esporte a nível internacional e é responsável pela realização do Campeonato Mundial, o que a leva a gerir o sistema de ranking para todas as classes e também a desenvolver suas regras e as regras do campeonato. Além dessas funções, a associação também está envolvida na regulamentação de registro de equipamentos, formação de árbitros e juízes, representação dos atletas em questões relativas ao esporte, atende à World Sailing e busca desenvolver o esporte mundialmente (IKA, 2017). Outra entidade voltada a organização de competições é a *World Kite Tour*, que é uma entidade responsável apenas pela Circuito Mundial de Kitesurf e pela promoção do esporte (WKT, 2017).

Diferentemente das entidades anteriores, a *International Kiteboarding Organization* está voltada à educação do *kitesurf*, ou seja, ela oferece cursos (Figura 9) para velejadores, instrutores e treinadores da modalidade, a fim de certifica-los internacionalmente (IKO, 2017a).

Figura 9: Cursos oferecidos pela *International Kiteboarding Organization*



Fonte: IKO (2017)

Os cursos voltados aos velejadores são divididos em cinco níveis, onde o praticante passa do nível de “descoberta” (nível 1) até o nível “independente” (nível 3), a partir daí ele pode realizar o curso de assistente de instrutor ou continuar os cursos para velejadores até o nível “evolução” (nível 5).

Para realizar os cursos de instrutores é imprescindível que a pessoa tenha alcançado (ou validado) pelo menos até o nível “independente” para velejadores. O primeiro nível para instrutores começa como assistente de instrutor, posteriormente tem os níveis 1 e 2 e que ao fim deles é possível escolher entre realizar o nível 3 de instrutor ou o curso de *coach*. Aos que realizam o curso de *coach* pode-se dar continuidade em cursos voltados para treinadores, em que se tem o *coach trainer* e posteriormente o último curso *examiner*, ou mesmo retornar e realizar o nível 3 para instrutor. Já para os que escolheram realizar o nível 3 na sequência do nível 2, pode-se dar continuidade e realizar o curso de assistente de treinador e posteriormente realizar o último de *examiner* também, que tem como função formar os instrutores (IKO, 2017a).

Já no âmbito nacional não se tem uma organização voltada somente à educação da modalidade, entretanto têm-se as entidades: Confederação Brasileira de Vela (CBvela) e Associação Brasileira de Kitesurf (ABK) (Figura 10).

Figura 10: Entidades nacionais representativas do *kitesurf*

	criação	Objetivo/Função
CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VELA	2012	Desenvolvimento e crescimento dos esportes de vela e representação dos velejadores de todas as classes
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE KITESURF	2001	Organização de eventos e promoção do esporte

Fonte: O Autor (2017)

A CBvela é o órgão maior a nível nacional que representa todas as modalidades de vela, tanto no contexto olímpico e de rendimento, quanto no contexto recreativo. Assim, busca defender os direitos dos velejadores de todas as classes, bem como promover o crescimento e desenvolvimento das modalidades no Brasil, incluindo o *kitesurf* (CBVELA, 2017). Dentre as associações reconhecidas pela CBvela tem-se a Associação Brasileira de Kitesurf.

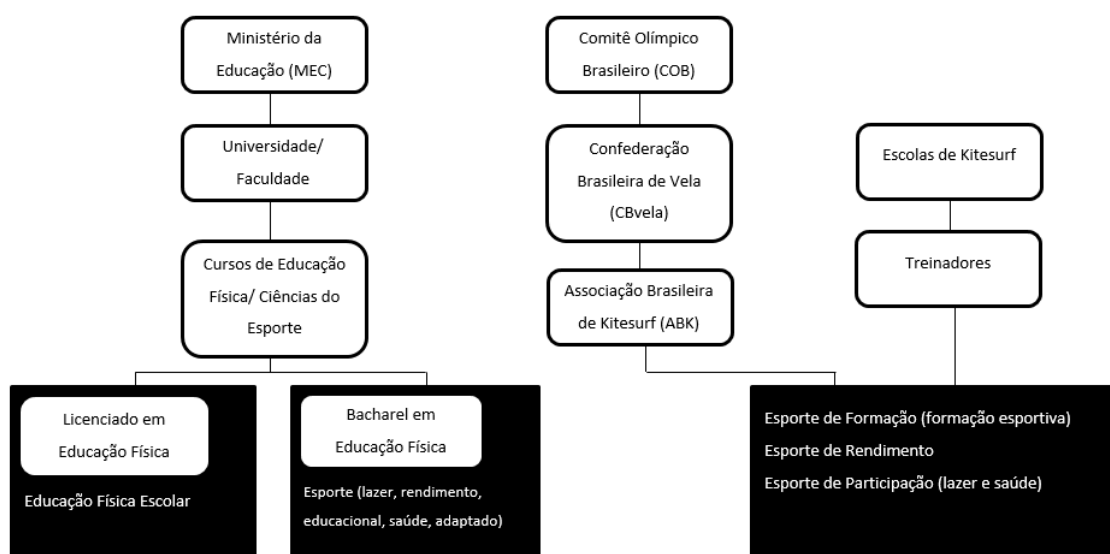
A ABK é uma associação voltada a promoção do *kitesurf*, segundo seu estatuto ela tem como objetivos regulamentar, coordenar, promover e desenvolver o esporte no Brasil. A associação também pode ministrar cursos, palestras e formar instrutores, juízes e técnicos nas diferentes classes da modalidade.

No âmbito do ensino do *kitesurf*, a ABK classifica e oferece quatro níveis de formação para velejadores, em que o nível 1 representa o recém-formado; o nível 2 aquele que possui entre um e quatro anos de velejo; o nível 3 que tem cinco anos ou mais de velejo; e o nível 4 como sendo o atleta profissional. Sendo assim, a associação descreve os velejadores de acordo com o tempo de prática na modalidade. Já em relação aos instrutores há somente dois níveis: o nível 1, aquele em que o instrutor já veleja há mais de cinco anos e dá aula em escola própria ou de terceiros; e o nível 2, aquele que já veleja há mais de 10 anos e dá aula há pelo menos cinco anos. Para a comprovação do tempo como praticante ou instrutor é necessário que haja a confirmação por algum de seus pares (ABK, 2015).

Apesar da ABK oferecer cursos e clínicas para a formação de instrutores, no Brasil ainda não se tem um perfil muito consolidado desses profissionais, assim ainda é vaga a formação necessária para atuar no mercado do ensino dos esportes de aventura (IHA;

BRASIL; NASCIMENTO, 2016). Entretanto, atualmente pode-se perceber três vias de formação para instrutores de *kitesurf* no Brasil (Figura 11): a que envolve os cursos de ensino superior (contexto formal); por meio de cursos específicos da modalidade, como os oferecidos pela ABK (contexto não-formal); e por meio de aprendizagem com os pares e a o longo da vida (contexto informal).

Figura 11: Vias de formação para instrutores de *kitesurf* no Brasil



Fonte: O Autor (2017)

A via acadêmica é uma das possibilidades de formar o instrutor para trabalhar com o ensino do *kitesurf*, uma vez que os Bacharéis em Educação Física estão aptos a trabalhar com o esporte em seus diversos contextos, tanto no lazer, rendimento, educacional, saúde e adaptado.

Outra via possível de formação é a por meio de cursos específicos, como é o caso dos cursos e clínicas de pouca duração oferecidos pela ABK, associação reconhecida pela CBvela, que está ligada ao Comitê Olímpico Brasileiro. Esses cursos trazem conhecimentos específicos da modalidade e qualificam o instrutor a ensinar a modalidade.

Por fim, outra forma de se tornar instrutor é por meio de experiências práticas com a modalidade e, principalmente, pelo convívio com demais instrutores. Algumas escolas buscam formar seus próprios instrutores dessa forma, a fim de passar o conhecimento de um indivíduo mais experiente para os que estão iniciando.

2.2 OS CONHECIMENTOS DO TREINADOR ESPORTIVO

2.2.1 Tipos de conhecimento

Inúmeras são as características que um treinador esportivo deve ter para ser considerado um bom treinador. Segundo Côté e Gilbert (2009) três são os componentes imprescindíveis que devem ser levados em conta: o contexto de treinamento, os resultados dos atletas e os conhecimentos do treinador. Os conhecimentos do treinador vêm sendo estudados ao longo dos anos e categorizados de diversas formas. Para Côté e Gilbert (2009) os conhecimentos podem ser divididos de três formas: conhecimento profissional, interpessoal e intrapessoal.

O conhecimento profissional engloba todos os conhecimentos voltados para o ensino do esporte. Esses conhecimentos incluem as ciências específicas do esporte; as ciências complementares, como por exemplo, as “ologias” (fisiologia, pedagogia...); e a pedagogia. Esse tipo de conhecimento é fundamental para o treinador esportivo, entretanto ele não é único. Cursos e clínicas têm sido organizadas baseadas apenas nesse tipo de conhecimento, de modo a acumular apenas informações específicas do esporte e minimizar outras variáveis importantes do treinamento (CÔTÉ; GILBERT, 2009).

Abraham et al. (2006) apresentam em seu estudo que entre essas três ciências dentro do conhecimento profissional a mais exigida pelo treinador é as ciências específicas do esporte, uma vez que ele precisa tê-la como base para entender o esporte que vai trabalhar. A pedagogia dá sequência aos conhecimentos específicos do esporte, embora os treinadores dificilmente utilizam-se deste termo, eles entendem a sua necessidade (ABRAHAM; COLLINS; MARTINDALE, 2006). E por fim traz-se as “ologias”, que no estudo de Abraham et al. (2006) destacam-se a fisiologia e biomecânica.

Outro tipo de conhecimento é o interpessoal, o qual envolve os conhecimentos voltados à interação com os atletas, entre o grupo e com os demais envolvidos no processo de treinamento, tais como pais, assistentes, gerentes, entre outros (CÔTÉ; GILBERT, 2009). O desenvolvimento do conhecimento interpessoal é suma importância para o treinador, para que ele possa estabelecer boa comunicação e reciprocidade dos atletas, bem como a confiança.

Além das inter-relações que o treinador estabelece, ele também precisa compreender suas próprias habilidades e filosofias, o que está envolto no terceiro tipo de conhecimento, o conhecimento intrapessoal. O conhecimento intrapessoal baseia-se na

reflexão do treinador sobre sua própria prática, de modo a analisar introspectivamente suas ações, reconhecer suas falhas e buscar soluções para tais, assim é possível evoluir por meio da reflexão de suas experiências (CÔTÉ; GILBERT, 2009).

2.2.2 Fontes de conhecimento

Os tipos de conhecimentos podem ser adquiridos em diversos contextos de aprendizagem. Diversos são esses contextos e as formas como eles são classificados. Para Nelson, Cushion e Potrac (2006) os contextos de aprendizagem dos esportes podem ser divididos em: formal, não-formal e informal.

O contexto formal de aprendizagem é aquele que envolve cursos de larga escala promovidos por entidades institucionalizadas, como por exemplo as universidades e faculdades. Esses cursos muitas vezes trazem o conhecimento de forma mais ampla e teórica, negligenciando os conhecimentos práticos, o que pode tornar sua aplicação no contexto prático mais confusa (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

No contexto não-formal os cursos podem ser oferecidos por qualquer tipo de entidade não vinculada às governamentais. Nesse contexto tem-se não apenas cursos, mas também conferências, seminários, workshops e clínicas. Esses meios são caracterizados principalmente pela duração menor do que os do contexto formal e também pela especificidade do conteúdo abordado, o qual geralmente se restringe a uma área singular de interesse (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

Por fim, o contexto informal está relacionado as situações de aprendizagem durante a trajetória de vida, ou seja, envolve as experiências vivenciadas como atleta, interações com treinadores e atletas, experiências práticas como treinador e pelo aprendizado auto direcionado, ou seja, pela busca de informação em diversas fontes de forma voluntária, como em vídeos e sites (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

Stoszkowski e Collins (2016) realizaram um estudo com treinadores que apresentou a percepção de treinadores a respeito da fonte de preferência para aquisição de conhecimentos. Assim, apresentou que os contextos de preferência são 92,63% nos informais, 5,80% nos não-formais e 1,56% nos formais. A razão apresentada pelos entrevistados a respeito da escolha dessa preferência se deu principalmente pela interação social (27,58%), percepção de qualidade (24,10), logística (19,28), relação com a realidade (18,72%), e fornecimento de direcionamentos (10,31%).

Já Tozetto (2016) buscou investigar a aprendizagem de treinadores ao longo da vida, em seu estudo apresentou seis situações de aprendizagem, sendo elas por experiências com familiares, que envolve a formação de valores e entendimento da vivência em sociedade; as experiências como atletas, que inclui a observação do comportamento do treinador; a certificação/formação e atualização profissional, que engloba desde contextos formais quanto não-formais; o acompanhamento com outros profissionais, em que se aprende conhecimentos didático-pedagógicos e específicos; as experiências como treinadores, em que ocorre a análise da prática e a busca pela definição da filosofia/identidade; e por fim a prática reflexiva, que apresentou como um processo contínuo para evolução.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo se caracteriza como de natureza aplicada, pois tem o intuito de apresentar conhecimentos a serem aplicados na prática. É de objetivo descritivo, que segundo Thomas e Nelson (2002b) objetiva resolver problemas por meio de observações, análises e descrições, para o qual são utilizadas técnicas específicas. Quanto aos procedimentos técnicos, esta pesquisa é classificada como de levantamento, já que envolve o questionamento direto à um grupo, do qual se deseja conhecer determinado comportamento (GIL, 1991). Já a abordagem é qualitativa, pois é uma forma de estudar visões e perspectivas de pessoas dentro do contexto em que vivem, de modo a explicar seu comportamento por meio de múltiplas fontes de evidências (YIN, 2011).

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Participaram dessa pesquisa quatro instrutores de *kitesurf* que atuaram em Florianópolis, SC, Brasil. O método de seleção desses participantes foi por amostragem completa, a qual segundo Flick (2009) limita a amostra por meio de determinados critérios, os quais demarcam todos os possíveis casos, assim, todos que atenderam tais critérios participaram da pesquisa. Esses critérios de inclusão foram: ter atuado como instrutor na última temporada da primavera/verão de 2016/2017; estar vinculado a uma escola que ofereça a modalidade; ter atuado em pelo menos duas temporadas; e aceitar voluntariamente a participar da pesquisa.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a obtenção das informações do perfil dos participantes foi realizada uma entrevista estruturada de questões abertas, a qual foi composta por nove questões de caracterização pessoal e nove relacionadas aos dados de atuação no *kitesurf* (Apêndice I).

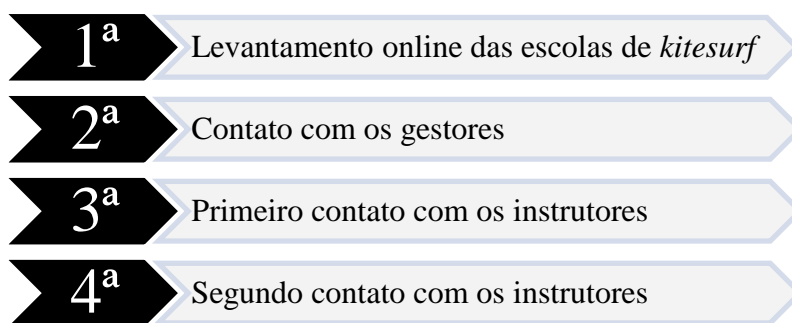
Para obtenção das informações relacionadas à demanda de intervenção, conhecimentos e fontes de conhecimento foi realizada uma entrevista semiestruturada, a

qual foi dividida em duas partes respectivamente, com três temas geradores principais em cada uma delas (Apêndice I) de acordo com a matriz da entrevista (Apêndice II).

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados deu-se em quatro etapas, conforme a figura abaixo:

Figura 11: Fluxograma das etapas da coleta de dados



Fonte: O Autor (2017)

Na primeira etapa foi realizada uma busca online de todas as escolas de *kitesurf* de Florianópolis, de modo que elaborou-se uma planilha com o nome da escola e do gestor, onde se localiza e o telefone de contato. Em seguida foi efetuada a segunda etapa, na qual se entrou em contato com os gestores, tendo como objetivo fazer o levantamento dos instrutores que atuaram na última temporada com eles. A terceira etapa foi o momento de contactar esses instrutores, em que se apresentou a proposta do estudo e o convite para participar do mesmo. Por fim, a quarta etapa foi o agendamento e a realização das entrevistas com todos que contemplaram os pré-requisitos necessários para participar do estudo.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados se deu por meio da técnica de análise dedutiva, a qual seguiu procedimentos de Braun e Clarke (2006) como: familiarização com os dados, que se deu pela transcrição e leitura dos dados com o auxílio dos *softwares Windows Media Player* e *Microsoft Office Word*; codificação inicial, que envolveu a escolha de códigos para organizar os dados em grupos; e a definição e nomeação dos temas, que foi a escolha de

temas para as análises, os quais estão de acordo com os três conhecimentos sugeridos por Cotê e Gilbert (2009) (profissional, interpessoal e intrapessoal).

3.6 ASPECTOS LEGAIS

O presente estudo foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (Parecer 2.308.508) (Apêndice III). Assim, todos os participantes receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice IV), o qual assinaram ao concordarem em participar voluntariamente da pesquisa. Todas as instituições participantes receberam o Termo de Ciência da Instituição (Apêndice V) e ao aceitarem participar da pesquisa assinaram o Termo de Concordância (Apêndice V).

4. RESULTADOS

4.1 PERFIL DOS INSTRUTORES

Os instrutores investigados possuem média de idade de 42,5 +/- 3,1, todos são do sexo masculino, possuem mais de 12 anos de experiência como instrutores de *kitesurf* e mais de 14 anos como praticantes. Em relação a participação em cursos de formação/atualização da modalidade, somente os instrutores I3 e I4 relataram ter participado de algum curso. Entretanto, apesar de não terem participado de cursos específicos do *kitesurf*, o instrutor I1 participou de reuniões da IKO nos Estados Unidos e o I2 ajudou na elaboração da apostila do curso de formação de instrutores oferecido pela ABK. Já em relação a cursos em outras áreas de conhecimento somente os instrutores I1, I2 e I3 relataram a participação em algum curso. Tais informações constam no Quadro 1.

Quadro 1. Perfil dos instrutores de *kitesurf* de Florianópolis

	IDADE	SEXO	F.P.	TE (anos)	TP (anos)	CFK	CFA
I₁	44	M	Informática	19	19	Reuniões da IKO nos EUA	Curso de salvamento e primeiros socorros
I₂	45	M	Administração	19	19	Ajudou na elaboração de apostila de formação de instrutores (ABK)	Curso de árbitro de regata pela CBvela
I₃	38	M	Administração	15	18	Curso de instrutores da IKO na República Dominicana e da ABK em Fortaleza	Arrais amador
I₄	43	M	Engenharia de Pesca	12	14	Curso de juízes e curso de técnicas de aula em Imbituba pela Federação Catarinense de Kitesurf	Não

Legenda: I = instrutor; F.P. = formação profissional; TE = tempo de atuação no ensino do *kitesurf*; TP = tempo como praticante de *kitesurf*; CFK = curso de formação/atualização de *kitesurf*; CFA = curso de formação em outra área de conhecimento.

Em relação ao termo utilizado para denominar os profissionais que atuam no ensino do *kitesurf* todos os participantes relataram que o mais utilizado é “instrutor”. O I1 expôs que embora em países estrangeiros eles utilizem o termo “teacher”, no Brasil não se é comum utilizar o termo “professor” e sim “instrutor”. Já o I2 defende que o termo “instrutor” deve ser usado, pois o profissional que ensina o *kitesurf* deve ser um “manual ambulante”, pois é necessário saber instruir e saber sobre como funcionam as pipas. O I3

não traz nenhuma razão específica para a utilização deste termo, mas acredita que é o mais comum e mais utilizado. Já o I4 relacionou o termo com a formação do profissional atuante, conforme a citação abaixo:

[...] eu sempre tive essa ideia bem estabelecida, o cara que tá dando aula e não é formado em Educação Física pra mim ele é um instrutor [...]. Hoje o professor pode ser usado pra quem realmente fez academia, que fez a graduação, ou quem fez o magistério né.

Como apresentado na Tabela 1, todos os instrutores já praticam a modalidade há mais de 14 anos, assim todos relataram já ter participado de competições enquanto praticantes. O I1 e o I3 já participaram de competições de nível mundial, nacional e regional. Já I2 e I4 relataram ter participado de algumas competições no Brasil, entretanto posteriormente se envolveram em eventos de outras formas, o I2 foi juiz principal na modalidade *wave* e o I4 relatou ter contribuído na realização de uma competição local.

Já em relação a formação de atleta todos os instrutores relataram ter participado de algum momento dessa formação. O I1 relatou ter formado dois atletas que chegaram a competir em nível mundial, voltados para a modalidade *wave*. O I3 informou que participou da formação de um atleta desde o início até chegar ao nível mundial, como consta abaixo:

[...] um case bem legal que a gente fez aqui [...], que foi uma ideia de dar uma renovada na galera, pegar uma criança e ensinar. E ele virou um super atleta hoje, é um dos melhores do mundo de kite wave, vive do kite e tem patrocínio internacional da North.

O instrutor I4 alegou ter formado um atleta, uma pessoa que ele reconheceu o talento e resolveu, como empresa, dar o suporte na carreira, assim participaram três anos do Campeonato Brasileiro e uma vez de uma competição internacional onde alcançaram a segunda colocação. O I4 conta sobre seu apoio no fomento da carreira do atleta: “O apoio que eu dava, lógico, não deixa de ser um treino, mas era um apoio psicológico e financeiro, e não era eu, era a empresa também né.”.

Em contrapartida aos instrutores anteriores, o I2 relatou que apesar de já ter formado um atleta no *windsurf*, no *kitesurf* ele não atuou diretamente como treinador, mas sim fez a instrução de atleta, como formador.

Em relação a participação dos instrutores em modalidades esportivas além do *kitesurf*, todos eles apresentaram diferentes modalidades. O I1 listou as seguintes

modalidades: parapente, *windsurf*, mergulho, *snowboard*, *town in*, *surf* e skate. O I2 apresentou as modalidades já praticadas como sendo: *windsurf*, mergulho, parapente e *surf*. O I3 elencou as seguintes modalidades: *windsurf*, *surf* e *stand up paddle*. Já o I4 foi o único que informou não ter vindo do *surf*, que a modalidade que praticava era o iatismo:

Então, daí eu venho do iatismo né, o meu avô também foi vice-campeão brasileiro de iatismo na classe sharp, que é uma classe que é extinta hoje. Então [...] o que a gente tá fazendo, o que eu ensinar uma pessoa a fazer é iatismo né, que o kite é a classe mais recente dos esportes a vela, se não for o mais recente é a filhinha mais nova do iatismo [...]

4.2 DEMANDA DA INTERVENÇÃO

4.2.1 Público Alvo

Os instrutores descreveram o perfil dos alunos que buscam as aulas de kite como sendo pessoas mais velhas, geralmente adultos com idade entre 25 e 40 anos, os instrutores I1, I3 e I4 afirmaram que a idade gira em torno dessa faixa etária pois nessa fase o indivíduo já possui uma vida mais estabelecida e com poder aquisitivo maior, como afirma o instrutor I1: “Adultos, adultos porque é caro né. O cara tem que ter um emprego, tem que ter um dinheiro pra poder fazer né.”.

Em relação ao sexo dos praticantes, todos os instrutores alegam que a procura maior é de homens, o I3 afirma que em média 60 a 70% dos alunos são do sexo masculino. Para o I1, apesar de dizer que a maioria são homens, ele acredita que esta perspectiva está mudando: “No início era muito homem, hoje eu acho que quase tem mais mulheres”. Já para o I4, apesar da busca maior ser de homens, sua preferência é ensinar as mulheres: “[...] mas inclusive eu gosto de dar aula mais pras meninas, porque elas tem mais atenção né, elas ouvem melhor [...]”.

Em relação a quantidade de aulas necessárias para aprender o kite, há uma variação entre os instrutores, para I1 o mínimo de aulas deve ser quatro (2 horas/aula); para I2 a média é de cinco a seis aulas (2 horas/aula); para I3 a média é de cinco a dez aulas (1 hora/aula); e para I4 o ideal seriam sete aulas (1 hora e 30 minutos/aula). Apesar da quantidade ideal de aulas variarem entre os instrutores, tanto em quantidade quanto em duração, o instrutor I1 alega que, apesar de existir uma proposta ideal, a maioria das pessoas que procuram as aulas, que são turistas, costumam fazer apenas uma aula.

Assim como o afirmado anteriormente pelo I1, os instrutores I3 e I4 confirmam que a maior parte da procura pelas aulas são de turistas, entretanto I1 e I4 alegam que não é o público que preferem ensinar. O I3 esclareceu a busca pelas aulas da seguinte forma:

Durante o ano muita gente é daqui, finais de semana vem muita gente do litoral norte ali, Vale do Itajaí, Curitiba. Na temporada de verão mesmo é muito turista, aí vem [...] de todo o canto, São Paulo, Rio Grande do Sul, a maioria. E bastante gringo também na temporada, tanto que to até com carência de instrutor em inglês, entendeu?

Quanto ao objetivo dos alunos que procuram as aulas de *kitesurf*, os quatro instrutores estão de acordo que esta busca é pelo lazer, I4 afirma: “É lazer, é lazer. É algo novo assim [...], a maioria já fez algum esporte, ou surfou, jogou bola, daí quando vem aprender kite começa todo aquele negócio do aprendizado, aquele tesão de aprender sabe?”.

Em relação a época do ano em que a busca das aulas é maior, todos os instrutores afirmaram que é no verão, entretanto I2, I3 e I4 alegaram que a melhor condição de vento é na primavera, como pode ser observado no relato do I4: “A procura maior é no verão, apesar de que a gente tem a incidência de vento em setembro, outubro e novembro né. Então quando começa a procura diminui a quantidade de vento, que é no verão”.

4.2.2 Intervenção

Referente à atuação do instrutor durante as aulas, os quatro entrevistados relataram sobre situações ou condições que influenciam o modo como irão ensinar a modalidade. O I1 diz levar em consideração as experiências anteriores do aluno com o velejo:

[...] depende de cada pessoa. Porque tu pode pegar as vezes um cara que já é velejador de barco a vela, aí eu posso usar uma nomenclatura náutica com o cara e termos de vela pra ensinar o cara e vai ser mais fácil. [...] E se pegar um turistão lá que nunca velejou, tu vai ter que ensinar de um jeito muito superficial pro cara curtir um pouco, ele ser arrastado pelo kite, mas é muito diferente, são mercados bem diferentes, é difícil de tu botar na balança e nivelar assim né.

Já o I2 relata que durante sua intervenção ele procura relacionar o *kitesurf* com algo que seja de conhecimento do aluno:

[...] quando eu to subindo com o barco contra o vento, eu procuro saber o quê que o cara faz, qual foi os esportes que ele fez né, pra ter uma abordagem diferente, [...] então a gente tem que ir abordando esse lado, dependendo da pessoa a gente tem que ir em cima do que ele está acostumado a fazer pra cabeça não fugir muito daquele foco do cotidiano dele.

O instrutor I3 diz ser importante saber as modalidades esportivas que o aluno já praticou antes, pois a didática é influenciada por essas vivências anteriores:

É, o kite é engraçado que você não tem uma didática fria né, você tem que ver cada um é cada um, você tem que ter uma paciência a mais, porque o cara vem de uma modalidade. De repente, por exemplo, o cara é voador, então você dá uma aula já meio que pegando os parâmetros do voo. O cara veleja de windsurfe, você consegue meio que ir moldando a didática pro que ele já sabe, daí ele vai entendendo melhor. Então cada um é cada um, não tem uma regra né.

Já o instrutor I4 apresenta que o que influencia o modo com que vai ensinar o *kitesurf* para o aluno é a sua própria evolução:

[...] a gente tem um método a seguir né, dependendo da evolução de cada aluno tu é obrigado a frear um pouco, sabe? Por exemplo, eu não posso deixar um aluno passar pra um nível mais avançado antes de perceber que ele ta fazendo determinado exercício com propriedade, sabe? [...] Dependendo da evolução de cada aluno a gente vai ter que ir mais devagar, ou ir mais rápido.

4.2.3 Atuação

Em relação a como os instrutores caracterizam a sua intervenção no ensino do *kitesurf*, foi-lhes perguntado qual é o enfoque dado por eles durante as aulas, se elas têm um cunho educacional, em que o instrutor busca educar por meio do esporte; se seria voltada à participação, em que o foco é o lazer; ou se estaria relacionada com o rendimento, em que o foco é tornar os alunos atletas. Para os instrutores I2, I3 e I4, a atuação deles é voltada para o lazer, como consta na fala de I3:

O instrutor é mais lazer né, [...] ele tem que tentar deixar o cara feliz né, não adianta o cara ficar “você tem que fazer isso, isso e isso” [...] Se você focar muito pro rendimento fica uma coisa chata, entendeu? Então o prazer em primeiro lugar assim, eu tento prezar isso.

Diferentemente dos demais instrutores, o I1 alega que suas aulas têm mais enfoque educacional, pois ele tenta ensinar valores por meio do *kitesurf*, como afirma abaixo:

Mais pra educação eu acho, [...] porque a formação do cara é muito importante pro cara não passar o kite raspando na cabeça de alguém também, ou o cara decolar num dia que tiver um CB (Centro de Baixa Pressão), uma tempestade se formando, o cara tem que ter responsabilidade. Então se o cara tá educado pras condições de vento e de tempo, o cara vai fazer um kite seguro.

4.3 CONHECIMENTOS PARA ATUAÇÃO

4.3.1 Conhecimento Profissional

O conhecimento profissional engloba um conjunto de conhecimentos, o qual inclui desde os conhecimentos específicos do esporte, quanto os conhecimentos de outras ciências e da pedagogia. Dentre os conhecimentos específicos do esporte todos os instrutores elencaram que os conhecimentos sobre o ambiente, equipamento, salvamento/segurança e regras náuticas são de suma importância para a atuação com o *kitesurf*.

Em relação ao ambiente o que mais foi abordado foram os conhecimentos relacionados ao vento, meteorologia, relevo e clima. O instrutor I1 apresentou ser importante saber sobre a intensidade, direção e tendência do vento, pois isso influencia na escolha e mudança de equipamento, além disso apresentou a importância de dominar esses conhecimentos:

Porque o vento é uma coisa que muda, varia, cada dia de um jeito, é forte, é fraco. Então é mais importante tu ter essa sensibilidade, esse feeling, porque tu vai fazer o kite depois por natureza. [...] tu pode chamar de “natural approach”, que tu aprende a lidar com um elemento da natureza que depois tu posiciona o teu kite do jeito que tu quiser e tu vai saber o que tu tá fazendo.

Para I2, além dos conhecimentos sobre a mudança do vento, sobre a importância da leitura de Centros de Baixa Pressão para identificar a vinda da chuva e a leitura da previsão do tempo, também apresentou importante saber sobre o local onde irá instruir, no seu caso sobre a lagoa:

A lagoa né, quando a gente vai instruir, a lagoa a gente sabe, eu sei de cor e salteado até onde tem mais marisco e menos marisco pra cortar o pé do aluno, entendeu?! Então isso aí pra mim da parte climática é sempre muito importante, entendeu?! Tem que ver o boletim de tempo, eu sou praticamente quase sócio deles, porque eu vejo pelo menos quatro, cinco sites pra saber mais ou menos, pra tirar o meu boletim né.

I3 corrobora com as ideias de I2 em relação a identificação de nuvens de chuva e reforça a necessidade do entendimento em meteorologia, principalmente na leitura da previsão do tempo. Já I4 destaca a importância de saber adequar as aulas à geografia e relevo do local, pois aulas em lagoas ou em mar exigem técnicas diferentes, assim apresenta que: “Cada lugar, cada praia, cada espaço, cada geografia, cada relevo vai ter sua particularidade, a pessoa vai ter que se adequar a isso”.

Em relação ao equipamento os instrutores I2, I3 e I4 alegaram ser importante saber sobre a regulagem, I3 alega que:

[...] você tem que entregar o equipamento pro aluno impecável, não adianta você entregar um equipamento pra aluno com a barra desregulada ou um kite vazio, entendeu? Ou um kite velho, um kite que não serve pra dar aula, entendeu? Então tem o kite específico pra você dar aula, tem as regulagens das barras, regulagem de comprimento de linhas, então são vários detalhezinhas assim que a aula vai se tornar mais simples pro aluno, mais prazerosa e ele vai voltar mais rápido.

I4 afirma a importância do conhecimento técnico do material com a evolução dos equipamentos ao longo dos anos:

Porque o kite hoje, depois de 2006, ele teve a grande revolução. Abaixo de 2006, de 98 e final de 97 que já tava o francês andando aqui, até 2006, o kite era muito grotesco, ele tinha muita potência. Muita gente deixou de velejar naquela época porque o kite puxava demais. Em 2006 em diante ele ficou muito fácil né, tanto que a explosão do kite surgiu depois de 2006. Então, mas a parte técnica do material a gente tem que estudar muito né, porque todo kite tem o sistema de segurança muito semelhante a de todos, mesmo lugar, tudo, mas como armar, como acionar, onde é que tá presa a linha, como recolher o kite.

Já I1 acredita que apesar do conhecimento sobre o equipamento ser importante, ele é mais simples do que os conhecimentos sobre o ambiente e sobre o que considera mais importante, que são os conhecimentos sobre salvamento/segurança.

Assim, em relação aos conhecimentos sobre salvamento/segurança, os instrutores I2, I3 e I4 apresentaram como importantes os conhecimentos sobre primeiros socorros, como consta na fala de I3: “Ah, isso é importantíssimo até, porque o cara saber como fazer um auto resgate dentro da água, o cara teve alguma parada cardíaca, o cara teve um corte, o cara teve uma fratura, é uma coisa que é importante”. I1 e I3 complementam ao relatar a importância sobre segurança e salvamento, I1 ressalta que o instrutor deve também ser um salva-vidas e I3 relata algumas técnicas voltadas à segurança: “[...] tem que ter uma experiência de po, anos de velejo, saber noções de segurança total assim, de como ejetar um kite, como desengatar um kite”.

Ao se tratar de regras náuticas todos os instrutores ressaltaram-nas como importantes, destacando alguns pontos principais, mas o citado por todos foram as regras de preferência. Além disso, I4 diz sugerir aos seus alunos que efetuem o curso de arrais amador; I3 apresenta que o instrutor deve também ter noções básicas de mecânica para que não fique a deriva durante a aula; e I2 ressalta que o instrutor deve ser náutico, que deve ter noções de vela e saber salvar alguém. Por fim, I1 complementa ao apresentar que o instrutor deve saber utilizar termos náuticos:

E as nomenclaturas também é uma coisa que eu acho que é importante, tu ter essas nomenclaturas de orçar, arribar, porque tem muita gente que anda de kite, que foi surfista, que aprendeu na praia, que o cara nem sabe esses termos náuticos, não sabe quem tem preferência de passagem, pouca gente sabe isso, depois embola no meio, não sabe o que faz, entendeu?! Então tem um monte de coisa.

Ao se tratar de técnicas específicas do *kitesurf*, o I1 ressalta técnicas voltadas a resgate:

Essas de resgate, aquela outra de self-rescue que murcha o kite um pouquinho, usa o kite de vela e faz o kite levar pra praia, isso tudo dentro desse lance de segurança né, isso é importante. Técnica tanto de salvatagem quanto de navegação, porque o kite é uma ferramenta legal que sem a prancha tu pode ir onde tu quer, então tem que saber isso também, saber que tu tem a ferramenta, que tu pode pescar, tu pode fazer o que tu quiser com o kite sem a prancha, sem nada.

Para I2 as técnicas importantes são voltadas ao comportamento do kite, sobre sistema de segurança e sobre recolhimento de linhas. Já para I4 a técnica evidenciada é a partida na água e o posicionamento do corpo para trás na execução de atividades, entretanto apresenta sua relação com a técnica ao longo de sua carreira:

No começo como eu falei pra ti, eu botei mais a paixão do que a técnica né, hoje em dia depois desses anos todos ai eu percebo que a técnica ta equiparando a paixão de dar aula, a vontade né. Então [...] a vontade supera a técnica, quando tu tá muito afim, [...] tudo funciona melhor. Mas a técnica é importantíssima né, [...] esse ano eu percebi que caramba, olha que legal eu vou focar na partida cara, porque o kite ta entre o cara sair e não sair né, até que ele saia é uma angustia né.

Já ao se tratar do conhecimento de outras ciências para o ensino kite, os instrutores I1, I2 acreditam que é importante saber um pouco sobre física, I2 relata: “Hoje em dia eu dou muito valor pra aquela aula de física que eu fiz antigamente. Porque windsurf e kitesurf é pura física né, é a alavanca, é a diferença de vetores de força, entendeu?!”. Para I4 os conhecimentos da Educação Física são importantes, como apresenta no trecho: “Eu acho que tu tem que fazer o curso de Educação Física, sabe? Fazer todas as disciplinas que exige o curso de educação física pra ti ser um melhor instrutor, eu acho.”. Já I3 discorda de I4 quanto a necessidade da formação em Educação Física: “O quê que o cara vai fazer aqui, entendeu? Não tem o que fazer, então eu acho que tem necessidade zero. Só se o cara souber velejar [...] e virar um instrutor, beleza”.

Referente aos conhecimentos de pedagogia, os instrutores apresentaram suas concepções sobre o que é a pedagogia e a didática, além de ressaltar importantes o planejamento da aula, o método de ensino e a gestão da aula. Em relação as concepções sobre pedagogia, I1 trás que:

[...] um cara bom, um kitesurfista, não quer dizer que o cara vai ser um bom instrutor né, [...] o cara tem que ser psicólogo [...]. A pedagogia é tu saber entrar dentro da cabeça do cara e instalar os programas certos pro cara conseguir executar o negócio. A pedagogia nada mais é do que isso, se tu for grosso com o cara o cara não vai se abrir contigo, se tu for muito molenga também o cara não vai se abrir contigo [...]. O bom instrutor é o cara que olha e “escaneia” o cara e sabe como é que ele vai chegar, como que ele vai falar, o que que ele vai fazer.

Já I3 ressalta a importância da didática:

[...] eu acho assim que pra você ser um instrutor você tem que estudar uma didática, pra você saber como você vai passar o teu conhecimento pro aluno, entendeu? Não adianta “ah, eu sei dar um pulo, chega aqui e faz isso”, não, tem um passo a passo, entendeu?

Ao se tratar do planejamento das aulas, os instrutores I1, I2 e I4 ressaltaram que esta é uma etapa importante, conforme relato de I2:

[...] minha aula tem que seguir um roteiro né, porque não adianta eu chegar ali e “faz isso!”, ficar sentado no meu barco e ficar, que é muito mais fácil né, eu não, eu falo pros meus alunos, eu quero formar o cara mais rápido e mais seguro possível. Segurança em primeiro lugar, a velocidade do aprendizado depende dele né, mas eu tenho um cronograma de ensino. Então a minha visão sempre é o que? Tentar estruturar, tentar botar um caminho pra essa aula fluir bem, entendeu?! Programar essa minha aula, porque não adianta, dependendo de quem é o aluno eu já sei como é que eu vou fazer pela vivência, mas dependendo do aluno, fora do comum, a gente tem que programar a aula conforme tem que ser.

Em relação ao método de ensino cada instrutor apresenta o seu, mas todos compreendem a importância de saber/ter um método. I1 e I4 apresentam em seu método algumas habilidades que os alunos devem alcançar ao longo das aulas, como consta na fala de I1:

Primeiro o cara tem que dominar muito bem o kite, aí depois o cara vai dominar o kite com a prancha, aí depois o cara vai aprender upwind com a prancha, porque andar na prancha é fácil, o downwind, mas aprender o upwind... quando o cara conseguir fazer o upwind com a prancha o cara pode andar. E tem que saber fazer aquele superman e pegar a prancha sozinho, o cara tem que tá totalmente autônomo né, e mesmo assim tem que saber se resgatar com balãozinho, porque no meio ele pode ter uma roubada.

I3 e I4 apresentam que cada um tem um método que criou, I3 reforça que no seu método ele é capaz de observar alguns pontos e detectar o erro do aluno, já sabendo seus próximos passos; já I4 diz que em seu método o instrutor deve levar o aluno até o local de aula com um barco em que o instrutor o pilota juntamente com o kite até poder transferi-lo para o aluno.

Já em relação a gestão do treino o instrutor I1 apresenta que a gestão do tempo da aula varia conforme o intervalo de uma aula a outra:

Normalmente se o cara fez a aula com um intervalo curto, é mais fácil. Agora se o intervalo das aulas é muito longo, tu precisa relembrar o cara, provavelmente tu usa um terço da aula pra relembrar e repetir tudo que ele fez na última pra ele poder... por isso é melhor o cara fazer em sequência direto, entendeu?!

Para I2 é importante dividir o tempo que o aluno irá realizar exercícios para um lado e para o outro, além disso é importante ser maleável quanto ao planejamento em relação a performance do aluno:

[...] tem vezes que o aluno não pega do jeito que a gente tá planejando, entendeu? A gente vai ter que ir montando o cronograma de outro jeito, nem sempre eu vou conseguir fazer os quatro ou cinco exercícios que eu programo durante uma aula, entendeu?! Tem vezes que vai três, tem vezes que vai seis, tem vezes que o aluno é fora do comum, daí a gente tem que... não adianta eu ficar enrolando ele, eu vou ter que botar mais alguma coisa, entendeu?! Ou não, ou tem vezes que tenho que segurar, não adianta eu pegar o cara e falar assim “pô, hoje é o dia de botar a prancha no pé”, mas o cara não tá apto a botar a prancha no pé, eu não vou botar.

Já para I3 a gestão do tempo de sua aula é de acordo com o desgaste do aluno:

Que a aula não pode ser uma hora e nem duas horas, na minha opinião né, uma hora e meia sabe? Porque senão o aluno começa a ter muito desgaste não só físico, mas principalmente mental, sabe? Porque são muitas informações em pouco tempo, então tem um certo limite pra tu passar essas informações né.

Por fim, ao se tratar das fontes onde os instrutores acreditam terem adquirido seus conhecimentos profissionais, cada um apresentou, de forma geral ou específica, os contextos em que os adquiriram. I1 apresenta que seus conhecimentos vieram da sua vivência com vela:

Então minha vida inteira eu fiquei dentro da vela e sou muito ligado a parte náutica assim, viajei pelo litoral do Brasil, competi de barco a vela grande, de windsurf, kite, de tudo. Então minha vida inteira foi dentro do mar, essa é a formação que eu tenho, eu fiz a universidade do vento. [...]. Isso é o mais importante, é o curso de vela. Porque ele é que te ensina a ser um velejador, te cria uma relação com o mar né, e com segurança, com leis, com normas, com direito de passagem, com cordialidade [...].

I2 acredita que seus conhecimentos vieram da sua atuação prática: “Trabalho, trabalho, muito trabalho. Eu não sei dos outros né, mas olha, o que eu dei aula nesses dois últimos meses chega a ser surreal né. No verão chega a ficar oito horas dentro da água.”. Mais especificamente dos conhecimentos sobre equipamentos, ele acredita que: “Internet, a grande ferramenta hoje é a internet né, se não tem na mão aqui, se não chegou nada assim direto é a internet, entendeu?! Ou de meeting de lançamento do produto né [...]”.

Já em relação aos conhecimentos de primeiro-socorros ele diz ter aprendido por meio de cursos.

Para I3, ele acredita ter adquirido seus conhecimentos profissionais na prática:

Então é natural, é uma coisa que na vida assim, na vivência a gente vai pegando essa experiência e acredito que muito difícil o cara ter a experiência que a gente teve, porque é tempo de sei lá, de kite mesmo, de ta com o kite no ar, treinando e viajando, e conhecendo novas pessoas, novos equipamentos.

Entretanto ao tratar especificamente da didática ele ressalta que seu aprendizado foi em parte por cursos, pois eles ensinam sobre isso. Assim como primeiros-socorros, que também foi em cursos: “Primeiros socorros eu já fiz os cursos, muito importante, eu acho indispensável, os instrutores tem umas noções de primeiros socorros também. Mas eu acho que cada vez fazer novos cursos, sempre se preparar pro pior, entendeu?”.

Já para I4 suas fontes de conhecimento também foram sua experiência prática: “Foi com a experiência mesmo durante esses anos aí, é. Tudo que eu aprendi porque assim né, durante esse tempo aí a minha vida é kite né, eu acordo de manhã e vou dormir falando e pensando sobre kite”.

4.3.2 Conhecimento Interpessoal

Referente ao conhecimento interpessoal, os instrutores destacaram três pontos importantes, sendo eles a interação, a comunicação e a confiança.

O instrutor I1 acredita que a relação instrutor-aluno deve ser de amigo, pois essa é uma forma de quebrar a barreira existente entre eles. I4 corrobora com a ideia de I1 e complementa que deve haver bastante conversa entre ele e o aluno, como afirma:

se tu quer fazer aula comigo nós vamos conversar, eu vou ter que te conhecer, a gente vai ficar amigo antes de tudo, porque eu acho que o tet-a-tet, o conversar sabe, ser o mais solícito possível, qualquer pessoa que se propõe a ser mestre, na minha opinião Tayná, ele tem que ter uma premissa básica, humildade, a vontade de tá ali se entregando pra ensinar o que ele sabe, sabe?

I2 vai ao encontro de I4 ao priorizar a conversa como forma de interação, assim acredita também que o instrutor deve ser compreensível, conforme exemplifica abaixo:

Outro cara que fez aula comigo, voador de parapente, mas tava tenso ao extremo, eu trabalhei muito quando ele chegou aqui pra falar com as meninas e marcar a próxima aula dele e, uma das coisas que ele falou foi “cara, um excelente instrutor, mas acima de tudo ele é um excelente psicólogo” (risos). É o lado que a gente tem que trabalhar muito, é o lado que a gente tem que acalmar as pessoas, é fora do comum. E não é só tu dar instrução, ensinar e vai, a pessoa tá extremamente tensa [...]

Já I3 acredita que o instrutor tem que se portar como um super-herói: “o instrutor ele tem que se sentir um super herói pro aluno, ele tem que ser o cara, ele tem que passar aquela energia de: vou te salvar, você tem que fazer o que eu to te falando. Entendeu? ”.

Referente à comunicação durante as aulas os instrutores apresentaram a dificuldade que é devido o vento que impede a comunicação clara. I1 defende que a comunicação deve ser da seguinte forma:

Tem que ser com uma voz alta, porque o mar, o vento ali tem um monte de coisa, que se tu não falar firme, com poucas... isso é outra coisa, tu tem que ensinar com poucas palavras e altas pro cara ouvir, e termos náuticos e termos do kite, até pra já ir gravado “orçar, arribar, solta a barra, puxa a barra”, tem que ser coisas curtas, altas e que simbolizem o que ele tem que fazer rápido.

I2 corrobora ao afirmar que a comunicação deve ser a mais direta possível. I3, assim como I1, acredita que a melhor estratégia a ser adotada nessa situação é estar de barco próximo ao aluno: “O barco, indispensável nesse caso, porque mesmo ele não te escutando você vai de barco do lado do cara, passa a instrução, o cara dá o start e vai pra longe de você, você vai de novo atrás do cara, passa a instrução. ”.

Outra estratégia de comunicação relatada pelos instrutores foi a utilização de rádios, I1 e I2 criticam a utilização deste pois não há feedback, como consta no trecho de I1:

Já tentei microfone, já tentei capacete e não funciona. Primeiro que tu precisa de um feedback, então não adianta só o cara tá com o fone e tu ficar falando coisa e o cara não pedir explicação, que daí tu tá criando um robô, tu tem que ter a troca, o cara fala “pô mais eu to tentando e não to conseguindo, eu puxo o vermelho e não vai”, “não, puxa assim, estica lá, tu tá puxando o azul junto ou ...” tu precisa ter essa conversa.

I3, assim como I4, acredita que o rádio é uma estratégia boa, mas dá muito trabalho e seu custo é muito alto:

Usar o rádio é legal e não é, porque é mão de obra do rádio, o rádio quebra, molha, estraga, pilha, [...] agora tá evoluindo até os rádios, tá virando bluetooth, então tá ficando cada vez mais simples. Tem os capacetes com rádio integrado, você já bota o capacete, já tem o autofalante na orelha do cara, ótimo, mas tudo aqui no Brasil é uma fortuna, então não paga a conta você ter um capacete de 500 dólares, [...] mas rádio eu acho muito legal, mas muito trabalhoso.

Já em relação as estratégias que os instrutores utilizam para gerar a confiança dos alunos, cada um apresenta a sua, I1 mostra a importância de ser amigo e ser íntimo do aluno “Existe uma barreira entre tu e ela e, se vira uma coisa mais de irmandade assim, fica mais fácil de tu conseguir entrar na cabeça da pessoa pra botar as informações que tu precisa pra tu ter resultado na aula.” I2 apresenta que deve haver conversa e o instrutor tem que estar confiante:

A confiança é dada pela conversa, entendeu? Se eu me mostrar confiante, se eu tiver confiante eu to mostrando confiança pra ele. Então a confiança é dada assim, não adianta eu tá nervoso, ou eu tá brincando demais, eu não to mostrando confiança, eu não to sendo profissional, entendeu?! Eu gosto de ser profissional no que eu faço.

I3 acredita que a confiança é gerada a partir da credibilidade que o instrutor passa ao aluno:

Tem que passar uma credibilidade, tem que ser um cara muito teórico assim, técnico, mas não ficar falando um monte de técnica pro cara que você tá ali naquela adrenalina e você não consegue entender nada, entra aqui e sai na outra orelha. Mas um cara que tenha credibilidade entendeu? Um cara boa pinta, bem vestido, queira ou não a gente trabalha com uma classe social mais alta, então são caras que tem grana, então você não vai querer fazer uma aula de kite e tá o cara lá um puta mal trapilho, falando daquele jeito [...] meio nada a ver.

Já I4 mostra a importância de o instrutor ser transparente e humilde para que haja a confiança:

A partir do momento que tu é transparente, é claro, é humilde, é simples, e demonstra que tu tá com vontade, que aquilo ali é o teu trabalho que tu ama fazer, não tem como, pode ser o pior dos caras, ele pode ser o cara mais desconfiado do mundo inteiro que for sabe? Mas ele acaba se entregando pra ti sabe? Isso eu sei fazer como ninguém, esse é o meu trabalho mesmo.

Por fim, ao se tratar da fonte de onde os instrutores adquiriram esses conhecimentos interpessoais, cada um apresentou a sua. I1 e I3 acreditam que foi devido as experiências de trabalho, conforme apresenta I1:

Ah, eu já tive muitas empresas né, eu já tive franquias, franquia de escola de inglês, eu já tive uma sanduicheria, eu já trabalhei, já produzi vídeo, já fiz cinema, já dei aula, então eu trabalhei, eu aprendi um pouco de cada coisa e vi as coisas, na verdade eram tudo ligadas, tu via que o mercado brasileiro ele é muito emergente. Então todo mundo tem medo que tu vá roubar teu negócio, quer guardar em segredo, só que na verdade se tu for um bom profissional e tu fizer a coisa com qualidade, tiver excelência em qualidade, tu vai se dar bem e tu não precisa se preocupar com os outros se tu focar no seu negócio.

Para I2, a fonte desses conhecimentos veio de casa, da sua educação pelos seus pais:

A educação de casa é fora do comum, isso aí é, eu acho que é tudo de casa, da casa do meu vô, da casa da minha mãe, dos meus pais, tudo é educação cara, não tem como. [...] Mas assim mesmo, educação de casa que faz a gente ter, faz a gente tratar as pessoas com respeito, entendeu?

Já I4 acredita que, apesar de ser devido a experiência, ele também apresenta características pessoais que os ajuda:

Então, durante esses anos de vivência né, eu acabei, eu acho que eu tenho uma facilidade né, posso ter alguma pré disposição, uma facilidade pra dar aula, mas o meu jeito é esse né, acho que eu tenho facilidade pra ensinar, e o quê que eu percebo? Eu sou até psicólogo dos alunos, sabe? Então eles acabam se confidenciando coisas pra mim e tal, porque a gente acaba ficando amigo, porque é o meu perfil mesmo eu acho, não é por outra coisa, é coisa minha mesmo, eu gosto de interagir e ajudar.

4.3.3 Conhecimento Intrapessoal

Ao se tratar dos conhecimentos intrapessoais, dois pontos foram destacados, a reflexão e a auto avaliação. Os instrutores I1, I2 e I4 apresentam a importância da reflexão sobre a prática. I1 traz abaixo sua percepção sobre a reflexão e ressalta que elas devem ser realizadas ao final de cada formação:

A evolução vem com a reflexão né, não existe evolução sem reflexão. Tu tem que aprender, é meio coisa de psicólogo, tu tem que aprender as vezes sair de dentro de ti, te olhar e ver o quê que você está fazendo e os resultados te mostram o quê que tu tá fazendo. Se tu souber olhar, eles vão te mostrar, o quê que as outras pessoas também falam de ti, o que... entendeu?!

I2 também ressalta a importância da reflexão no trecho abaixo e acrescenta que ela influencia a preparação de suas aulas:

O cara que não reflete sobre o que tá fazendo é, vou chamar de burro, entendeu? Porque eu fico chateado quando o meu aluno, quando eu não consigo passar pra ele o que tá errado, entendeu? O jeito certo. Eu chego em casa e fico... Tem vezes que não durmo, aconteceu isso na minha aula hoje, pô como é que eu deixei acontecer isso? Isso é uma coisa, reflexão é fundamental, é fundamental. [...] A reflexão faz parte pra não errar de novo, porque a pessoa que não reflete ele vai errar de novo. Eu acho que o aluno, a pessoa vai sofrer de novo.

Já I3 apresenta a importância das reflexões em pequenos grupos, ao ressaltar sua experiência anterior quando trabalhava com mais instrutores:

[...] eu to aprendendo e por que que eu aprendi, por causa dessa interação de quando a gente trabalhava em cinco instrutores [...], a gente acabava as aulas e era fim de tarde assim e ia todo mundo lá pro nosso centro de convivência conversar como tinha sido cada aula “ah, tal aluno fez isso”, foi um grande aprendizado, sabe? Não tem jeito de aprender mais Tayná do que com essas conversas depois do curso assim. [...] Tu pode perceber que depois de cada atividade, qualquer parte da vida, qualquer atividade se tu começa a refletir sobre ela com outras pessoas tu acaba aprimorando a técnica né. Então eu acho que é bastante, bastante importante.

Já ao se tratar da auto avaliação os instrutores I2, I3 e I4 mostraram a importância do instrutor ter essa prática para sua evolução, conforme apresenta I4:

É, por isso que eu acho que eu tenho melhorado, aprimorado meu método sabe? Eu acho que eu sempre posso aprimorar, sempre posso melhorar sabe? E eu acho que é só por isso, porque eu tenho pensado assim, e eu me avaliando eu começo a melhorar certa prática.

Quando lhes foi perguntado em qual momento eles realizavam a auto avaliação, I2 relatou que as faz constantemente: “O tempo inteiro, o tempo inteiro. Em casa, durante a aula, durante a aula tem vezes que eu to dando aula e falo “o quê que eu to fazendo de errado?”. Porque sou eu que to fazendo errado, não é ele [...]”. Já I3 acredita que o

interessante seria fazer relatórios: “Ah, o ideal seria após cada aula né, fazer um relatóriozinho seria bem interessante. Só que aquela correria, uma aula atrás da outra não dá nem tempo, entendeu?”. Já I4 apresenta que antigamente fazia essas avaliações em grupo, mas agora as faz sozinho: “Antigamente quando a gente era um grupo eu fazia em grupo né, [...] mas ai agora sozinho eu percebo que o que foi lá foi bem legal e eu ainda to aprimorando, só que sozinho sabe?”.

Por fim, ao se tratar das fontes nas quais os instrutores adquiriram seus conhecimentos intrapessoais, cada um apresentou as suas. I1 apresentou que adquiriu esses seus conhecimentos da seguinte forma:

Eu vou te ser sincero, eu sempre fui hiperativo[...] e na verdade eu fui em tanto psicólogo que viraram meus amigos, os psicólogos, e eles me ensinaram a me ler, porque não adiantava eu querer ser igual a todo mundo porque eu era diferente. Então isso também me ajudou, porque eles me ensinaram a sair e me olhar, e isso me ajudou. Foi mais uma coisa na minha vida que me formou assim, a minha hiperatividade né.

Para I2 a sua fonte foi o tempo de experiência profissional e de vida: “Com o tempo, com o tempo. Tempo de aula, tempo de vida, porque a gente tem que pensar no que a gente faz né, não é só enquanto tá ensinando ou tá aprendendo, é o tempo inteiro”. Já para I3 esses conhecimentos estão relacionados as características do instrutor: “um cara mais descolado ele tem esse poder de auto reflexão, mas [...] é difícil isso aí”.

I4 já acredita que esses seus conhecimentos vieram devido sua paixão pela profissão:

Mas eu acho que quando tu gosta do que faz, quando tu tá realmente focado nisso, no aprendizado sabe é que as coisas começam a acontecer né. Por isso que eu acho que eu tenho tido essas reflexões, porque eu gosto tanto do que eu faço que se eu puder dar alguma contribuição assim pra ajudar, como agora contigo também eu fico feliz.

5. DISCUSSÃO

Ao se analisar o perfil dos instrutores, pode-se perceber que todos são adultos, do sexo masculino e na sua maioria possuem formação superior, contudo são de áreas de conhecimento fora da Educação Física. O mesmo pode ser visto no estudo de Paixão e Tucher (2010), em que a maioria dos instrutores de esportes de aventura possuem formação superior em áreas distintas.

Acredita-se que este perfil é reflexo da falta de posicionamento e suporte dos órgãos reguladores e fiscalizadores da Educação Física quanto aos esportes de aventura, sendo assim ainda há dúvidas referente a necessidade dessa formação para a atuação com o *kitesurf*. Sendo assim, apesar dos instrutores não terem formação nessa área, todos apresentaram participar de cursos complementares que contribuem para a atuação na modalidade, como os cursos específicos do *kitesurfe*/ou primeiros socorros. Tal formação complementar também é vista positivamente em outras modalidades de aventura, como pode ser observado no *rafting* (SCHWARTZ; CARNICELLI FILHO, 2006).

Quanto a demanda da intervenção dos instrutores, pode-se perceber que o público desta modalidade é composto principalmente por homens adultos, acredita-se que a predominância deste grupo etário se dá pela maior estabilidade financeira, uma vez que as aulas de *kitesurf* são pagas por hora/aula e seu custo é elevado, devido o equipamento, a instrução e, em alguns casos, a utilização de barco.

Essa busca pelas aulas ocorre principalmente no verão e por turistas, embora alguns instrutores reforçam que este não é o público com quem preferem atuar. Acredita-se que tal preferência seja porque o *kitesurf* é uma modalidade esportiva de aventura que, para se alcançar um nível de prática de forma independente e vivenciar o esporte em sua forma original, o aluno precisa passar por uma sequência de aulas, caracterizando-se assim como um treinamento. Assim, se difere de atividades de aventura na natureza, as quais em sua grande maioria, uma instrução momentânea é suficiente para a participação e vivência do indivíduo na atividade como um todo (MARINHO, 2008; COLLINS; COLLINS, 2012).

Em relação ao modo de intervenção do instrutor nas aulas, os fatores mais mencionados foram que eles buscam identificar quais foram as experiências prévias dos alunos, tanto esportivas quanto pessoais, assim a intervenção adequa-se a realidade do aluno, o que se acredita facilitar a aprendizagem. Tal percepção também é de comum aos treinadores de surf, que acreditam que identificar esse perfil contribui para a elaboração

dos conteúdos, profundidade e estratégias utilizadas nas aulas (RAMOS; BRASIL; GODA, 2013; BRASIL et al., 2016).

Quanto aos conhecimentos necessários para o ensino do *kitesurf*, os instrutores apresentaram como relevantes tópicos dentro dos três tipos de conhecimento, o profissional, interpessoal e intrapessoal. Dentro do profissional foram destacados itens relacionados à conhecimentos específicos do esporte, ciências relacionadas e pedagogia.

Quanto aos conhecimentos específicos do esporte o que mais se destacou foi os relacionados ao ambiente, principalmente em relação ao vento, identificação da vinda de chuva e leitura de previsão do tempo. Outros apontamentos dentro deste tópico foram os relacionados com os equipamentos, em que se destacou as formas de regulagem; o salvamento/segurança, em que os primeiros socorros foram os mais evidenciados; e por fim as regras náuticas, principalmente referente as regras de preferência dentro da água. Tais conhecimentos relacionados a ambiente e equipamento também são evidenciados nos estudos sobre o surf (RAMOS; BRASIL; GODA, 2013; BRASIL, 2015; BRASIL et al., 2016). Acredita-se que estes conhecimentos específicos do esporte foram destacados devido o *kitesurf* se tratar de um esporte de aventura, em que a relação do ambiente sobre o atleta e os equipamentos é determinante para a prática, principalmente ao que tange a segurança (PAIXÃO et al., 2011; COLLINS; COLLINS, 2012), já que mudanças no ambiente ou na má escolha/regulagem dos equipamentos pode oferecer mais riscos a prática.

Ainda dentro dos conhecimentos profissionais, foi evidenciado a importância do conhecimento básico de física, já que o *kitesurf* envolve sistemas de alavanca e vetores, assim como evidencia Tremea (2010) no seu estudo sobre o comportamento da força da pipa em relação a posição da barra de controle, em que apresenta as posições de maior força dentro da janela de vento.

Já referente a pedagogia, os instrutores ressaltaram-na como importante para o planejamento, gestão de aula e elaboração de um método de ensino. Embora cada um faça um tipo de planejamento, de gestão e possui seu próprio método, todos deixaram claro que estes foram sendo elaborados ao longo dos anos de prática. Tal importância também é percebida por instrutores de *rafting*, que acreditam que a didática é fundamental para o aprimoramento de resultados na aprendizagem (SCHWARTZ; CARNICELLI FILHO, 2006); e por treinadores de *surf*, que valorizam o planejamento para a organização das suas ações pedagógicas (BRASIL et al., 2016).

Sendo assim, ao se tratar das fontes dos conhecimentos profissionais, todos os instrutores apresentaram terem adquirido esses conhecimentos na prática, seja ela na atuação profissional ou como praticantes, tanto do *kitesurf* como de outras modalidades. Tais achado corroboram com os de Tozetto (2016) ao relacionar a transferência de conhecimentos de outras modalidades para a modalidade atual, bem como a valorização das experiências práticas de trabalho. Além do mais, acredita-se que a valorização da experiência prática vem devido a pouca oferta de cursos da modalidade na região sul do Brasil e, ainda assim devido a dificuldade de simular situações da modalidade fora do contexto de prática, fazendo com que as experiências na modalidade sejam uma boa solução para agregar conhecimentos específicos da mesma.

Quanto aos conhecimentos interpessoais o que mais foi evidenciado pelos instrutores foi a interação, a comunicação e a forma como gerar confiança dos alunos. Quanto a interação o que mais se destacou foi a conversa, a qual contribui para gerar a confiança do aluno, assim, algumas características do instrutor foram destacadas para tal finalidade, entre elas ser humilde, passar credibilidade, ser mais amigo, portar-se como super-herói. Tais características também são de comum aos treinadores de surf, que acreditam que elas auxiliam no momento da aula para que o aluno se sinta mais à vontade no ambiente de prática (BRASIL et al., 2016). Acredita-se que tal proximidade é mais exigida nestes esportes de aventura devido a barreira dos alunos referente ao medo dos possíveis riscos do esporte, mesmo que o risco atraia, a insegurança ainda é muito evidente, assim cabe ao instrutor controlar os riscos e passar segurança para o aluno (PAIXÃO et al., 2011; COLLINS; COLLINS, 2012).

Referente as fontes dos conhecimentos interpessoais, a mais destacada foram as experiências de trabalho, entretanto também foi relatada a educação dada pela família e algumas características pessoais. Tozetto (2016) também encontra em seu estudo a valorização dessas fontes de aprendizagem, tanto das experiências na atuação do esporte, como as advindas da família, a qual envolve a educação e transmissão de valores.

Por fim, quanto aos conhecimentos intrapessoais, os pontos mais destacados foram a reflexão e auto avaliação. Os instrutores apresentaram a importância da reflexão e os momentos em que devem ser realizadas, alguns acreditam que deve ser após a formação do aluno, após cada aula ou até mesmo a todo instante. Essa reflexão é vista como uma forma de evolução e é feita de forma individual, embora um entrevistado alegou já ter feito com os pares e diz ter sido o momento que mais aprendeu. Essa prática reflexiva é vista como uma forma de potencializar a aprendizagem, assim tanto a reflexão

individual quanto a coletiva é um meio para que se adapte e evolua no ensino da modalidade pretendida (TOZETTO, 2016).

Assim, ao que se refere as fontes desses conhecimentos intrapessoais, os pontos mais evidenciados foram as próprias experiências profissionais e até mesmo características pessoais do instrutor. Tal valorização das experiências práticas ou das advindas de contextos informais foi evidenciada em todos os três tipos de conhecimento.

Stoszkowski (2016) apresenta que dos três contextos de aprendizagem o informal é o mais valorizado (92,63%), prosseguido pelo não-formal (5,80%) e por último o formal (1,56%); e além do mais as razões por essa preferência são devidas as interações sociais, a percepção de qualidade, logística, semelhança a realidade e fornecimento de direcionamentos. Sendo assim, pode-se perceber que a experiência prática é fundamental na construção dos conhecimentos, sejam eles profissionais, interpessoais ou intrapessoais para a atuação como instrutor de *kitesurf*.

6. CONCLUSÃO

A percepção dos instrutores de *kitesurf* de Florianópolis a respeito dos conhecimentos necessários para o ensino da modalidade tangem os três tipos de conhecimento, o profissional, interpessoal e intrapessoal. Acredita-se que os três estão interligados e merecem igual importância, uma vez que o *kitesurf* é um esporte de aventura e apresenta o risco como elemento inerente a prática. Sendo assim o domínio dos conhecimentos interpessoais são fundamentais principalmente para gerar confiança do aluno, para que o instrutor consiga ensiná-lo, de acordo com seus conhecimentos profissionais, e consiga o fazer de forma eficiente e segura, utilizando-se de seus conhecimentos intrapessoais.

Quanto as fontes pelas quais os instrutores adquiram estes conhecimentos, todas estão inseridas em contextos informais de aprendizagem, em que as experiências práticas na modalidade foram as mais destacadas, o que se leva a compreender que tais experiências, seja como praticante ou profissional, devem ser primeiramente valorizadas.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua social e cientificamente no âmbito do ensino da modalidade, assim sugere-se que os novos instrutores busquem pelos três tipos de conhecimento ao longo de sua formação, que valorizem as aprendizagens em contextos informais, entretanto que se engajem também em aprendizagens de contextos não-formais e formais. Assim, sugere-se também que as entidades responsáveis pela formação nos diferentes contextos, sejam eles formais ou informais, passem a valorizar a prática profissional e adote momentos de reflexões entre os instrutores em seu curso, já que esta foi apresentada como uma boa forma de evolução dentro do ensino.

A quantidade de instrutores investigados, bem como os procedimentos metodológicos utilizados para acessar o conhecimento prático dos instrutores podem ter sido possíveis limitações deste estudo para a profundidade das evidências obtidas.

REFERÊNCIAS

- ABK. **A ABK**. 2015 Disponível em: < <http://www.abk.com.br/index.php?id=54> >. Acesso em: 23 Abril.
- ABRAHAM, A.; COLLINS, D.; MARTINDALE, R. The coaching schematic: Validation through expert coach consensus. **Journal of sports sciences**, v. 24, n. 6, p. 549-564, 2006.
- ALCANTELADO, W. V. L. **A evolução do kitesurfe e o papel do usuário na inovação tecnológica dos equipamentos**. 2009. 149 (Dissertação). Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2009.
- BANDEIRA, M. M.; RIBEIRO, O. C. F. Sobre os profissionais da aventura: problemas da atuação na interface esporte e turismo. **LICERE**, v. 18, n. 3, p. 116-157, 2015.
- BERNEIRA, J. D. O. et al. Incidence and characteristics of kitesurfer injuries. **Brazilian Journal of Kinanthropometry and Human Performance**, v. 13, n. 3, p. 195-201, 2011.
- BETRÁN, A. O.; BETRÁN, J. O. Propuesta de una clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza: marco conceptual y análisis de los criterios elegidos. **Educación Física y Deportes**, v. 41, p. 108-123, 1995.
- BITENCOURT, V.; NAVARRO, P. Kitesurfe. In: DACOSTA, L. P. (Ed.). **Atlas do esporte no Brasil**: Dante Gastaldoni, 2005. p.429-430.
- BRASIL, Lei nº 9.696, de 1 de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, D. F., 1 set. 1998,
- BRASIL, V. Z. **O conhecimento profissional do treinador de surf**. 2015. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2015.
- BRASIL, V. Z. et al. As ações pedagógicas para a intervenção do treinador de surf. **Movimento**, v. 22, n. 2, p. 403-416, 2016.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- CBVELA. **Sobre a CBvela**. 2017 Disponível em: < <http://www.cbvela.org.br/> >. Acesso em: 14 Maio.
- COLLINS, L.; COLLINS, D. Conceptualizing the adventure-sports coach. **Journal of Adventure Education & Outdoor Learning**, v. 12, n. 1, p. 81-93, 2012.

COLLINS, L.; COLLINS, D.; GRECIC, D. The epistemological chain in high-level adventure sports coaches. **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, v. 15, n. 3, p. 224-238, 2015.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 307-323, 2009.

COUTINHO, A. **Certificação de escolas e perfil de competências de instrutores de Kitesurf em Portugal 2010**. 153 f. Dissertação (2º Ciclo em Desporto para Crianças e Jovens). Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto. 2010.

DIAS, C. A. G. Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza. **Revista Licere, Belo Horizonte**, v. 10, n. 3, 2007.

DUARTE, T.; CULVER, D. M. Becoming a coach in developmental adaptive sailing: A lifelong learning perspective. **Journal of applied sport psychology**, v. 26, n. 4, p. 441-456, 2014.

FIGUEIREDO, J. D. P. **Atividades de aventura e formação profissional: aspectos acadêmicos e de mercado de trabalho**. VI Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura. UFPEL. Pelotas. 115-128 2012.

FLICK, U. Amostragem. In: (Ed.). **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, v.3, 2009. cap. 11, p.117-128.

FUNOLLET, F. Propuesta de clasificación de las actividades deportivas en el medio natural. **Apuntes: Educación física y deportes**, v. 41, n. 124-129, 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: 1991.

IHA, T.; BRASIL, V. Z.; NASCIMENTO, J. V. D. **A formação profissional para instrutores de kitesurf no Brasil**. III Congresso Internacional de Atividade de Aventura. Lavras: 18-18 p. 2016.

IKA. **What is the IKA**. 2017 Disponível em: < <http://internationalkiteboarding.org/about/what-is-the-ika> >. Acesso em: 14 Maio.

IKO. **Formação e certificação IKO**. 2017a Disponível em: < <https://www.ikointl.com/pt-br/training-and-certification> >. Acesso em: 14 Maio.

_____. **Sobre IKO**. 2017b Disponível em: < <https://www.ikointl.com/pt-br/about-iko> >. Acesso em: 23 Abril.

KUKLICK, C. R.; GEARITY, B. T. A review of reflective practice and its application for the football strength and conditioning coach. **Strength & Conditioning Journal**, v. 37, n. 6, p. 43-51, 2015.

- LORIMER, R.; HOLLAND-SMITH, D. Why coach? A case study of the prominent influences on a top-level UK outdoor adventure coach. **The Sport Psychologist**, v. 26, n. 4, p. 571-583, 2012.
- LUCENA, A. B.; SILVA, P. P. C. D.; BRASILEIRO, M. D. S. A prática do kitesurf e o universo da preservação ambiental. **LICERE**, v. 16, n. 1, 2013.
- MACHADO, M. T.; COERTJENS, M. Kitesurfing: mecanismos de lesão e marcadores bioquímicos. **Revista de Atenção à Saúde**, v. 9, n. 30, 2012.
- MALLETT, C. J.; RYNNE, S. B.; BILLET, S. Valued learning experiences of early career and experienced high-performance coaches. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 21, n. 1, p. 89-104, 2016.
- MARINHO, A. Lazer, aventura e risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**, v. 14, n. 2, p. 181 - 206, 2008.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Referências curriculares nacionais dos cursos de bacharelado e licenciatura. **Secretaria de Educação Superior**, Brasília, D. F., Abril de 2010, 99 p.
- MUNDOKITE. **Tipos de Kite**. 2017 Disponível em: < <http://www.mundokite.com.br/show/conteudo/5/tipos-de-kite> >. Acesso em: 14 Maio.
- NELSON, L. et al. Carl Rogers, learning and educational practice: critical considerations and applications in sports coaching. **Sport, Education and Society**, v. 19, n. 5, p. 513-531, 2014.
- NELSON, L. J.; CUSHION, C. J.; POTRAC, P. Formal, nonformal and informal coach learning: A holistic conceptualisation. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 1, n. 3, p. 247-259, 2006.
- PAIXÃO, J. A. D.; COSTA, V. L. D. M.; GABRIEL, R. E. C. D. O instrutor de esporte de aventura no Brasil: implicações ligadas ao processo ensino aprendizagem. **EfDeportes**, v. 14, p. 1, 2009.
- PAIXÃO, J. A. D. et al. Risco e aventura no esporte na percepção do instrutor. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, p. 415-425, 2011.
- PAIXÃO, J. A. D.; TUCHER, G. Risco e aventura por entre as montanhas de Minas: a formação do profissional de esporte de aventura. **Pensar a Prática**, v. 13, n. 3, p. 1 - 19, 2010.
- PAQUETTE, K. J. et al. A sport federation's attempt to restructure a coach education program using constructivist principles. **International Sport Coaching Journal**, v. 1, n. 2, p. 75-85, 2014.
- PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I.; RICARDO, D. P. Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificações e características. **Corpoconsciência**, v. 12, n. 1, p. 37-55, 2008.

PESSOA, J. **Isaf anuncia kitesurfe para Rio-2016 e deixa Star e RS:X fora do programa**. 2012 Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/pb/noticia/2012/05/kitesurfe-vira-esporte-olimpico-e-fara-parte-dos-jogos-do-rio-em-2016.html> >. Acesso em: 23 maio.

RAMOS, V.; BRASIL, V. Z.; GODA, C. O conhecimento pedagógico para o ensino do surf. **Journal of Physical Education**, v. 24, n. 3, p. 381-392, 2013.

RYNNE, S. B.; MALLETT, C. J. Coaches' learning and sustainability in high performance sport. **Reflective Practice**, v. 15, n. 1, p. 12-26, 2014.

SCHWARTZ, G. M.; CARNICELLI FILHO, S. (Desin) Formação profissional e atividades de aventura: focalizando os guias de "Rafting". **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 20, n. 2, p. 103-109, 2006.

SILVA, R. M. P.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte e iniciação esportiva tardia: perspectivas a partir da modalidade basquetebol. **Pensar a Prática**, v. 13, n. 1, 2010.

STOSZKOWSKI, J.; COLLINS, D. Sources, topics and use of knowledge by coaches. **Journal of sports sciences**, v. 34, n. 9, p. 794-802, 2016.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: 2002a.

_____. Pesquisa descritiva. In: ARTMED (Ed.). **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre, v.3, 2002b. cap. 15, p.279-302.

TOZETTO, A. V. B. **Desenvolvimento profissional de treinadores de futebol**. 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2016.

TREMEA, V. W. **Descrição do comportamento da força do kite em relação ao seu posicionamento e ao deslocamento da barra de controle**. 2010. 73 (Licenciatura em Educação Física). Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2010.

WKT. 2017 Disponível em: < <http://www.vkwc.com/> >. Acesso em: 14 Maio.

WORLD SAILING. **About**. 2017 Disponível em: < <http://www.sailing.org/about/index.php#.WRzr1mgrLIU> >. Acesso em: 14 Maio.

YIN, R. K. What is qualitative research and why might you consider doing such research? In: THE GUILFORD PRESS (Ed.). **Qualitative research from start to finish**. New York, 2011. cap. 1, p.3-24.

APÊNDICE I - Guia de entrevista previsto para a coleta de dados com os instrutores de *kitesurf*.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA



Pesquisa

“Conhecimentos para o ensino do *kitesurf*: Percepção dos instrutores de Florianópolis, SC, Brasil”

ENTREVISTA – INSTRUTORES

ANTES DE INICIAR A ENTREVISTA

1. Explicar a pesquisa e seu objetivo.
2. Apresentar o objetivo da entrevista.
3. Informar a natureza confidencial e anônima da coleta, tratamento e divulgação das informações recolhidas.
4. Justificar a entrevista e solicitar autorização para realizar a gravação da entrevista.
5. Salientar a possibilidade de colocar dúvidas sempre que não compreender.
6. Destacar que não existem respostas corretas e incorretas.

ROTEIRO DA ENTREVISTA ESTRUTURADA

- Perfil dos Instrutores

Dados Pessoais

1. Nome:
2. Apelido:
3. Data de Nascimento:
4. Idade:
5. Sexo:
6. Cidade em que reside:

7. Nível de Escolaridade
8. Formação Profissional:
9. Principal atividade profissional:

Atuação no Kite

1. Em relação a atividade que você exerce no ensino do *kitesurf*, como você prefere ser chamado? (*Ex: instrutor, treinador, professor, guia, orientador, outro?*)
2. Em qual escola de *kite* você atuou na última temporada de primavera/verão de 2016/2017?
3. Há quanto tempo você atua no ensino do *kite*?
4. Já praticou *kitesurf*? Há quanto tempo?
5. Já participou de alguma competição de *kite*? A que nível (*Ex: local, regional, nacional, internacional*)? Qual categoria (*Ex: sexo, idade*)? Qual modalidade (*Ex: freestyle, kitewave, race...*)?
6. Já praticou/pratica outras modalidades de aventura além do *kitesurf*? Quais?
7. Já treinou alguém para competição? Por quanto tempo? Em que nível? Qual categoria? Em que modalidade?
8. Já participou de algum curso de formação/atualização de *kite*? Quando? Onde/por quem?
9. Já participou de algum curso em outra área e que contribuiu na sua atuação no ensino do *kite*? Qual?

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- Demanda de intervenção
 - Consideração e explicação sobre o ensino do kite nas escolas a respeito do tipo de intervenção.
 - Características do público-alvo da escola em que atua
 - Tempo necessário para o ensino da modalidade ao cliente
- Conhecimentos para a atuação
 - Opinião sobre os conhecimentos que um treinador deve ter para ensinar
 - Opinião sobre o que se deve saber sobre o ambiente
 - Opinião sobre o que se deve saber sobre o equipamento
 - Opinião sobre o que se deve saber sobre o atleta

- Opinião sobre a necessidade de saber de pedagogia
- Opinião sobre as ciências que se deve saber para ensinar o kite
- Relato sobre onde ele acredita ter adquirido esses conhecimentos
- Opinião sobre quais pessoas/grupos um instrutor interage no dia-a-dia
 - Opinião sobre como essas interações devem ser
 - Opinião sobre como se deve interagir com o aluno e se tem fatores que influenciam essa interação
 - Opinião sobre como deve ser a comunicação durante as aulas
 - Opinião sobre como se estabelece confiança e motivação do praticante
 - Relato sobre onde ele acredita ter adquirido esses conhecimentos
- Opinião sobre suas próprias reflexões e sobre quais conteúdos elas são
 - Definição da própria filosofia de trabalho
 - Relato sobre estratégias para autoaprendizagem
 - Relato sobre onde ele acredita ter adquirido tais conhecimentos

APÊNDICE II – Matriz da entrevista semiestruturada

DEMANDA DE INTERVENÇÃO

	<i>ATUAÇÃO</i>	<i>PÚBLICO</i>	<i>INTERVENÇÃO</i>
<i>TEMAS GERADORES</i>	Educacional Participação Rendimento	Sexo Idade Nível Objetivo	Nº de aulas Semanas/meses

CONHECIMENTOS PARA A ATUAÇÃO

	<i>PROFISSIONAL</i>	<i>INTERPESSOAL</i>	<i>INTRAPESSOAL</i>
<i>TEMAS GERADORES</i>	Conhecimentos de base para atuação Ambiente Equipamento Atleta Ciências (ologias) Pedagogia Fontes de conhecimento	Conhecimentos sobre comunicação e interação Tipo de interação Interação aluno Confiança Fontes de conhecimento	Conhecimentos sobre si mesmo Autoavaliação Fontes de conhecimento

APÊNDICE III – Parecer do comitê de ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Conhecimentos para o Ensino do Kitesurf: Percepção dos Instrutores de Florianópolis

Pesquisador: Michel Millstedt

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 74834617.3.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.308.508

Apresentação do Projeto:

Trabalho de conclusão de curso orientado por Michel Millstedt e de autoria de Tayná Iha. Tem como objetivo Verificar a percepção de instrutores de kitesurf que atuam em Florianópolis a respeito dos conhecimentos necessários para o ensino da modalidade. Durante a pesquisa serão entrevistados instrutores (6 participantes) de Kitesurf em Florianópolis. As entrevistas serão estruturadas abertas e os participantes serão selecionados a partir de uma etapa anterior, via pesquisa na internet.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Verificar a percepção de instrutores de kitesurf que atuam em Florianópolis a respeito dos conhecimentos necessários para o ensino da modalidade.

Objetivos Secundários

- Identificar o perfil dos instrutores de kitesurf de Florianópolis;
- Caracterizar a atividade de ensino do kitesurf a respeito do tipo de intervenção;
- Verificar os conhecimentos necessários para o ensino do kitesurf;
- Verificar as fontes de conhecimentos dos instrutores.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 2.308.508

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A autora cita como riscos o desconforto ou incômodo para responder certas perguntas.

Benefícios:

Auxiliar a comunidade científica ampliando o entendimento sobre os aspectos pedagógicos dos esportes de aventura, contribuir na preparação e aprimoramento de futuros instrutores de kitesurf e auxiliar na ampliação do reconhecimento social, científico e pedagógico desta atividade de ensino.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa colaborara na compreensão sobre como atuam os instrutores de Kitesurf na região de Florianópolis.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Pedimos atenção dos pesquisadores ao item "Conclusões ou pendências e listas de inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto apresentado de forma adequada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_982701.pdf	29/08/2017 12:23:00		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	29/08/2017 12:22:04	TAYNA IHA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	29/08/2017 12:21:53	TAYNA IHA	Aceito
Orçamento	Orçamento.pdf	29/08/2017 12:21:26	TAYNA IHA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termos_de_Concordancia.pdf	29/08/2017 12:21:03	TAYNA IHA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	29/08/2017 12:19:54	TAYNA IHA	Aceito

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
 Bairro: Trindade CEP: 88.040-400
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
 Telefone: (48)3721-6094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 2.308.508

Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	29/08/2017 12:19:13	TAYNA IHA	Acelto
----------------	--------------------	------------------------	-----------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 02 de Outubro de 2017

Assinado por:
Ylmar Correa Neto
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
 Bairro: Trindade CEP: 88.040-400
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
 Telefone: (48)3721-8094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

APÊNDICE IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) _____,

O(a) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, referente a um trabalho de conclusão de curso do Departamento de Educação Física – Centro de Desportos – Universidade Federal de Santa Catarina (DEF/CDS/UFSC), intitulada “**CONHECIMENTOS PARA O ENSINO DO KITESURF: Percepção dos instrutores de Florianópolis, SC, Brasil**”. Esta pesquisa tem como objetivo verificar a percepção de instrutores de *kitesurf* que atuam em Florianópolis a respeito dos conhecimentos necessários para o ensino da modalidade. Sendo assim, a proposta deste estudo é valorizar as experiências e a prática de profissionais que ensinam o *kitesurf*, bem como contribuir com a comunidade científica ampliando o entendimento sobre os aspectos pedagógicos dos esportes de aventura. Esta pesquisa pode contribuir para a preparação e aprimoramento de instrutores de *kitesurf* no futuro, assim como na ampliação do reconhecimento social, científico e pedagógico desta atividade de ensino. Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa do problema e contará principalmente com a coleta de dados por meio de entrevistas com os participantes.

Sua participação nesta pesquisa se caracterizará por meio de uma entrevista com o pesquisador. São mínimos os riscos desta entrevista, visto que serão abordados apenas questionamentos acerca da sua atuação no *kitesurf* e suas crenças sobre as características dessa atuação e os conhecimentos para tal. Entretanto, é importante destacar que pode haver certo desconforto ou incômodo para responder certas perguntas. Sendo assim, destaca-se que pode haver recusa a responder questões que forem consideradas constrangedoras ou desconfortáveis. Para minimizar esses possíveis desconfortos, a entrevista será realizada em ambiente favorável, de preferência no seu local de atuação e com a presença apenas do entrevistado e do pesquisador. Ademais, a qualquer momento da realização desse estudo, o(a) senhor(a) e/ou as instituições envolvidas poderão receber esclarecimentos adicionais que julgarem necessários por e-mail ou telefone e poderão se recusar a participar ou retirar seu consentimento da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de penalidade, constrangimento ou prejuízo. Sua privacidade e o sigilo das informações serão preservados em todas as fases da pesquisa por meio de adequada codificação dos instrumentos de coleta e análise de dados. Os autores ressaltam que mesmo com o devido cuidado com as informações pessoais dos participantes, sempre existe a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntária e não intencional.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão: a) auxiliar a comunidade científica ampliando o entendimento sobre os aspectos pedagógicos dos esportes de aventura, b) contribuir na preparação e aprimoramento de futuros instrutores de *kitesurf*, c) auxiliar na ampliação do reconhecimento social, científico e pedagógico desta atividade de ensino.

Os pesquisadores declaram que a Resolução 466/12 será cumprida integralmente. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação científica serão usados para fins acadêmico-científicos e inutilizados após a fase de análise dos dados e apresentação dos resultados finais na forma de artigo científico.

Estão envolvidos nesta pesquisa os seguintes pesquisadores: Tayná Iha, Michel Milistetd (orientador) e Vinicius Zeilmann Brasil (coorientador). Solicitamos autorização para uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua participação na presente pesquisa não acarretará em despesas a você, assim como não haverá o pagamento de nenhum valor financeiro em troca da sua participação, que se caracteriza como voluntária. No entanto, caso venha a ser comprovado algum prejuízo ou eventual dano decorrente da sua participação, você poderá ser ressarcido ou indenizado pelos pesquisadores. Os pesquisadores esclarecem que não haverá nenhuma forma de pagamento referente a sua participação no estudo e, se coloca à disposição para que possíveis danos causados em face a sua participação sejam assumidos pelos pesquisadores. Após o final da pesquisa os pesquisadores assumem o compromisso de agendar uma nova conversa com o entrevistado e apresentar um resumo dos principais resultados do estudo, a fim de que esses possam contribuir com sua atuação profissional.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é feito em duas vias, que também serão rubricadas e assinadas pelo pesquisador, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

Nome do pesquisador para contato: Tayná Iha

Número do telefone: (48) 998010-4787 **E-mail:** taynaiha@gmail.com

Endereço: Rua Irmã Petronilla Kaefer, nº 11, Lagoa da Conceição – Florianópolis – Santa Catarina.

Assinatura do pesquisador

Tayná Iha – Pesquisador

Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH

Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara)

Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, prédio Reitoria II - Trindade, Florianópolis/SC. CEP 88.040-400. E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone para contato: (48) 3721-6094

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que fui informado(a) sobre todos os procedimentos da pesquisa, recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto, fui esclarecido(a) de que todos os dados a meu respeito serão sigilosos e posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso: _____

Assinatura do participante

_____, ____/____/____
(cidade)

APÊNDICE V – Termo de Ciência da Instituição e Termo de Concordância



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANO



TERMO DE CIÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

De acordo com a Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde e com as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada **“Conhecimentos para o ensino do kitesurf: percepção dos instrutores de Florianópolis, SC, Brasil”**, a qual está associada ao trabalho de conclusão de curso da acadêmica Tayná Iha, vinculada ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, bem como ao Núcleo de Pesquisa em Pedagogia do Esporte e ao Laboratório de Pedagogia do Esporte do Centro de Desportos. Esta pesquisa tem como objetivo verificar a percepção de instrutores de *kitesurf* que atuam em Florianópolis a respeito dos conhecimentos necessários para o ensino da modalidade. Sendo assim, a proposta deste estudo é valorizar as experiências e a prática de profissionais que ensinam esta modalidade, bem como contribuir com a comunidade científica ampliando o entendimento sobre os aspectos pedagógicos dos esportes de aventura. Esta pesquisa pode contribuir para a preparação e aprimoramento de instrutores de *kitesurf* no futuro, assim como na ampliação do reconhecimento social, científico e pedagógico desta atividade de ensino.

Os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa serão em forma de entrevistas com os instrutores. A sua participação implicará em permitir a presença de um pesquisador no seu ambiente de trabalho, bem como divulgar o quadro de instrutores que trabalharam na instituição na temporada da primavera/verão do ano de 2016/2017. Contudo, esta permanência não afetará o desenvolvimento pleno das atividades e a entrevista será agendada previamente seguindo a conveniência e autorização do instrutor.

A investigação apresenta riscos mínimos à entidade e aos participantes, uma vez que não irão ocorrer ações invasivas. Suas identidades serão mantidas em sigilo e as informações obtidas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmico-científicos. Ressaltamos que você poderá requerer a descontinuidade da pesquisa a qualquer momento. Caso ocorra algum dano à sua imagem em decorrência do não cumprimento de algum dos procedimentos éticos estabelecidos neste termo, você será indenizado judicialmente.

Agradecemos por considerar este convite, esperando contar com sua colaboração nesta pesquisa. Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Florianópolis, 11 de Julho de 2017.

Acad. Tayná Iha
Pesquisadora

Prof. Dr. Michel Milistetd
Orientador

Me. Vinicius Zeilmann Brasil
Coorientador



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA



TERMO DE CONCORDÂNCIA

Declaro, para os devidos fins e efeitos legais que, com o objetivo de atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e como representante legal da instituição _____, tomei conhecimento do projeto de pesquisa intitulado “**Conhecimentos para o ensino do kitesurf: percepção dos instrutores de Florianópolis, SC, Brasil**”, e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/2012 e suas complementares. Como esta instituição apresenta condições e interesse para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução nos termos propostos.

Nome por extenso: _____

Assinatura do responsável

_____, ____/____/____
(Cidade)

Acad. Tayná Iha
Pesquisadora

Prof. Dr. Michel Milistetd
Orientador

Me. Vinicius Zeilmann Brasil
Coorientador

Contatos:

taynaiha@gmail.com – (48) 99810-4787

michel.milistetd@ufsc.br / vzbrasil@hotmail.com